



Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Mestrado em Educação

**A POSSIBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES NA
DISCIPLINA DE REDAÇÃO A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DAS
INFORMAÇÕES DE JORNAIS E REVISTAS**

Universidade Fernando Pessoa,
Porto, 2018

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Fabiana Nogueira

**A POSSIBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES NA
DISCIPLINA DE REDAÇÃO A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DAS
INFORMAÇÕES DE JORNAIS E REVISTAS**

Universidade Fernando Pessoa,
Porto, 2018

Fabiana Nogueira

**A POSSIBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES NA
DISCIPLINA DE REDAÇÃO A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DAS
INFORMAÇÕES DE JORNAIS E REVISTAS**

Assinatura: _____

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Docência e Gestão da Educação Ramo de Administração Escolar e Administração Educacional, sob orientação da Professora Doutora Luísa Saavedra.

Universidade Fernando Pessoa,
Porto, 2018

RESUMO

A concepção de ensino-aprendizagem em busca do desenvolvimento das habilidades e competências do aluno tem sido um desafio para os educadores do séc.XXI, tendo em vista que os alunos que chegam às escolas fazem parte hoje da geração conectivista. E, buscar atrair esses alunos para as aulas tem sido tarefa difícil para os professores.

O presente projeto de investigação teve como objetivo identificar quais são as possibilidades de o aluno adquirir habilidades, utilizando informações de jornais na disciplina de Redação.

No que tange às principais conclusões dessa pesquisa, temos a prática pedagógica do uso da linguagem jornalística; a formação dos professores no que diz respeito a trabalhar com os gêneros jornalísticos e a importância de se usar jornais e revistas nas aulas de Redação. Foi possível também verificar que os educadores embora não tivessem tido formação inicial acadêmica para trabalhar com esses gêneros, todos foram unânimes em reconhecer a importância de trabalhar com Jornais e Revista na sala de aula.

Palavras-Chave: Gêneros Jornalísticos. Jornais. Revistas. Habilidades. Competências.

ABSTRACT

The conception of teaching-learning in search of the development of the abilities and competences of the student has been a challenge for the educators of the XXI century, considering that the students who arrive at the schools are part of the connectivist generation today. And, seeking to attract these students to class has been a difficult task for teachers.

The present research project had as objective to identify what are the possibilities of the student to acquire abilities, using information from newspapers in the discipline of Writing.

Regarding the main conclusions of this research, we have the pedagogical practice of the use of journalistic language; the training of teachers in relation to working with journalistic genres and the importance of using newspapers and magazines in writing classes. It was also possible to verify that educators, although they had not had initial academic training to work with these genres, were unanimous in recognizing the importance of working with newspapers and magazines in the classroom.

Keywords: Journalistic Genres. Newspapers. Magazines. Skills. Skills.

DEDICATÓRIA

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me permitido chegar até aqui, por toda força concedida na concretização desse sonho. Além disso, agradeço a Ele por todas as pessoas que cruzaram meu caminho durante essa jornada.

Agradeço em especial a minha orientadora, Luísa Saavedra, pela paciência, compreensão e competência.

Aos amigos de mestrado que compartilharam comigo esses momentos de aprendizado.

A minha mãe, exemplo de força e perseverança.

Ao meu esposo Márcio pelo apoio, confiança e motivação incondicional. Que sempre me impulsiona em direção às vitórias dos meus desafios.

As minhas filhas Victória e Isadora que são a razão da minha dedicação.

AGRADECIMENTOS

Aos meus alunos, razão de ser desta pesquisa. São eles que me motivam à constante busca pelo aperfeiçoamento profissional.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	VI
ABSTRACT	VII
DEDICATÓRIA	VIII
AGRADECIMENTOS.....	IX
LISTA DE ABREVIATURAS.....	XVI
INTRODUÇÃO	- 1 -
1.1 Contextualização e Pressupostos da Investigação.....	- 1 -
1.2 Problema, Questões de Investigação e Objectivos Processuais.....	- 2 -
1.3 Relevância e Contribuição da Investigação	- 2 -
1.4 Orientação Metodológica	- 3 -
1.5 Estrutura do Trabalho	- 4 -
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	- 6 -
CAPÍTULO I – A PRODUÇÃO DE TEXTO NA CONSTRUÇÃO DAS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO ALUNO.....	- 7 -
1.1 O contexto do discurso na escrita e na oralidade.....	- 7 -
1.2 Os PCNs e a Produção Textual na sala de aula	- 11 -
1.3 As Narrações e seus gêneros jornalístico.....	- 15 -
1.4 As diversas formas de comunicação.....	- 18 -
1.4.1 Os gêneros como forma de aprendizagem do aluno.....	- 21 -
CAPÍTULO II: O USO DO JORNAL E DA REVISTA NA SALA DE AULA	- 31 -
2.1 O Planeamento Pedagógico para o uso da linguagem jornalística na disciplina de Redação.....	- 31 -
2.2 A Produção Textual em sala de aula, com o uso de Jornais e Revistas.....	- 34 -
2.2.1 Etapas do uso dos jornais e revistas na sala de aula	- 36 -
2.3 A linguagem jornalística e o conteúdo de informação	- 39 -
2.4 A formação da criticidade do aluno, utilizando o texto impresso.....	- 41 -
PARTE II – PESQUISA EMPÍRICA	- 44 -
CAPÍTULO III: METODOLOGIA – MODOS DE PESQUISA.....	- 45 -

3.1. <i>Justificativa da Investigação</i>	- 45 -
3.2. <i>Desenho Metodológico</i>	- 46 -
3.3 <i>Objetivos</i>	- 47 -
3.3.1 <i>Objetivo geral:</i>	- 47 -
3.3.2 <i>Objetivos específicos:</i>	- 48 -
3.4. <i>Contexto Espacial e Sócio - Econômico da Pesquisa</i>	- 48 -
3.5 <i>Delimitação da Pesquisa</i>	- 52 -
3.6. <i>População Participante</i>	- 55 -
3.7. <i>Técnicas de Análise e Interpretação dos Dados</i>	- 58 -
 CAPÍTULO IV: ANÁLISE E DISCUSSÃO INTEGRADA DE DADOS	- 60 -
4.1 <i>Resultados</i>	- 60 -
 PROPOSTA DE PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	- 74 -
 CAPÍTULO V –CONSIDERAÇÕES FINAIS	- 76 -
 REFERÊNCIAS	- 78 -
 ANEXOS.....	- 84 -
ANEXO 01 – CHECK LIST CE	- 84 -
ANEXO 02 – SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO	- 85 -
ANEXO 03 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	- 86 -
ANEXO 04 – GUIÃO DE PERGUNTAS	- 88 -
ANEXO 05 – TABULAÇÃO DOS RESULTADOS.....	- 93 -

LISTA DE FIGURA

Figura 01: Jornais e Revista	- 21 -
Figura 02: Notícia	- 22 -
Figura 03: Reportagem.....	- 23 -
Figura 04: Editorial	- 24 -
Figura 05: Artigo de Opinião	- 25 -
Figura 06: Entrevista.....	- 26 -
Figura 07: Carta ao Leitor	- 26 -
Figura 08: Tirinhas.....	- 27 -
Figura 09: Charge	- 28 -
Figura 10: História em quadrinhos – Tico Tico	- 29 -
Figura 11: Estrutura de um Jornal.....	- 37 -
Figura 12: Esquema do desenho metodológico	- 46 -
Figura 13: Localização geográfica da cidade	- 50 -
Figura 14: Valores de Censo Educacional em 2015	- 51 -
Figura 15: Localização geográfica da escola.....	- 52 -
Figura 16: Fotos da fachada da escola	- 52 -
Figura 17: Fotos das salas de aula	- 53 -
Figura 18: Fotos espaços da escola.....	- 54 -
Figura 19: Fotos das salas de aula	- 54 -
Figura 20: Esquema da análise e interpretação dos dados	- 58 -

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Caracterização por Idade	- 56 -
Gráfico 02: Caracterização por Género.....	- 56 -
Gráfico 03: Caracterização por Estado Civil.....	- 57 -
Gráfico 04: Caracterização por Tempo de Trabalho na Educação	- 57 -
Gráfico 05: O uso de Jornais e Revistas na Sala de aula	- 60 -
Gráfico 06: O uso do Jornal e da Revista na prática docente.....	- 62 -
Gráfico 07: Planejamento para o uso do Jornal e da Revista na Produção de Texto..	- 65 -
Gráfico 08: Existência de Projeto que contemple o uso dos géneros jornalísticos	- 66 -
Gráfico 09: Na formação académica foi ensinado a usar jornais e revistas?	- 68 -
Gráfico 10: A Escola promove curso de formação continuada em género jornalístico?....	- 70 -
.....	- 70 -
Gráfico 11: O uso do jornal em sala de aula contribui com a formação dos alunos? ..	- 71 -
Gráfico 12: O uso do jornal em sala de aula contribui com a formação?	- 72 -

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Objetivos dos PCNs e Língua Portuguesa	- 13 -
Quadro 02: Tamanho da população participante	- 55 -

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Tipos de Gêneros Jornalísticos.....	- 20 -
Tabela 02: Roteiro para trabalhar com jornal e Revista em Sala de Aula	- 38 -
Tabela 03: Quantidade de vezes que utilizam Jornais e Revistas na sala de aula	- 61 -
Tabela 04: Como contribui.....	- 64 -
Tabela 05: As aulas sendo utilizados jornais e revistas.	- 67 -
Tabela 06: Formação Acadêmica em Gêneros Jornalísticos	- 69 -
Tabela 07: Proposta de Intervenção no Sistema do Colégio Militar	- 74 -

LISTA DE ABREVIATURAS

CF	Constituição Federal
CENSO	Recenseamento Demográfico
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
HQs	História em quadrinhos
IDHM	Índice Desenvolvimento Humano Municipal
IBGE	Instituto Brasileiro de Estatística
PCNS	Parâmetros Curriculares Nacionais

INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização e Pressupostos da Investigação

O tema versará sobre a possibilidade do desenvolvimento de habilidades na disciplina de redação a partir da utilização de informações de jornais e revistas na sala de aula. Delimita-se na utilização de informações de jornais e revistas.

Estiveram subjacentes na nossa fundamentação teórica os documentos oficiais, dos quais salientamos os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs¹ e a Matriz de Competências e Habilidades do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM² que traçam um caminho para o desenvolvimento das habilidades para a disciplina Redação, assim como os autores que nos apresentam o desenvolvimento das habilidades e competências requeridas para a disciplina Redação.

Questiona-se se o fato de trazer informações dos jornais e revistas para as aulas de Redação, fará com que o aluno tenha uma visão não sistematizada, desenvolvendo habilidades importantes para o uso na disciplina de Redação. Entendemos que o aluno valoriza a introdução de textos variados durante a aula, como por exemplo, os tirados de jornais e revistas, fugindo da rigidez do sistema apostilando, possibilitando uma melhor participação, incentivando o debate e a troca de opiniões (Silva, 2005).

Ao utilizar informações veiculadas pela imprensa na disciplina de Redação, o aluno faz uma relação dos assuntos do seu cotidiano e do que está acontecendo no mundo, gerando maior criatividade para desenvolvimento de textos. Deve-se destacar ainda a relevância acadêmica, já que contribuirá para o acervo acadêmico que trata sobre o assunto. Os aspectos relevantes aqui informados justificam o desenvolvimento deste estudo.

1.2 Problema, Questões de Investigação e Objectivos Processuais

A nossa investigação buscou responder ao seguinte questionamento: *É possível identificarmos as habilidades que o aluno irá adquirir na disciplina de redação a partir da utilização de informações de jornais e revistas?*

Com o intuito de atendermos tal questionamento, o nosso objetivo principal é: identificar quais são as possibilidades de o aluno adquirir habilidades, utilizando informações de jornais e revistas na disciplina de Redação. E como objetivos secundários, primeiramente analisaremos a prática pedagógica do uso da linguagem jornalística e da diversidade dos temas abordados na disciplina de Redação. Descreveremos a importância do uso de informações dos jornais e revistas, para que as aulas de Redação se tornem um ambiente privilegiado de participação coletiva. E, por último, identificar se os professores foram preparados para trabalhar com textos jornalísticos na sala de aula.

1.3 Relevância e Contribuição da Investigação

O tema foi escolhido em decorrência de se perceber as várias discussões que pairam sob o assunto abordado, dada a necessidade de obter entendimento do potencial da utilização das informações de jornais e revistas nas aulas de Redação. Nas palavras de Toschi (1993, p. 31).

O uso do jornal pode ser o elo facilitador da relação comunicativa que deve ocorrer amistosamente no processo de uma aula [...], por funcionar como elo entre o conhecimento sistematizado que o professor detém e o senso comum trazido pelo aluno e ser pertencente aos dois lados devido ao seu aspecto de mediador entre os leitores e os acontecimentos da sociedade, pode colaborar para que a disposição comunicativa se concretize na sala de aula.

A justificativa da presente investigação se fundamenta nas experiências, vivências e observações da pesquisadora, atuando há muitos anos na referida instituição de ensino, foco dessa pesquisa, encontrando uma razão para a ideia do presente projeto de pesquisa.

Nesse viés investigativo, acredita-se que o professor com práticas pedagógicas voltadas para o uso dos textos jornalísticos em sala de aula, sintam-se preparados para ministrar aulas que visem as diferentes cognições dos educandos e as contribuições pedagógicas sejam significativas na construção do saber.

1.4 Orientação Metodológica

A referida pesquisa tem a seguinte construção metodológica: o tipo de estudo é caracterizado como Estudo de Caso; com enfoque quantitativo e qualitativo.

Quanto o enfoque ser qualitativo, Sampiere et al., (2006, p.5) postula que:

O enfoque qualitativo, em geral, é utilizado, sobretudo para descobrir e refinar as questões de pesquisa (...) com frequência esse enfoque está baseado em métodos de coleta de dados sem medição numérica, como as descrições e as observações.

A pesquisa qualitativa entende-se como um enfoque investigativo, cuja preocupação primordial é compreender o fenômeno, descrever o objeto de estudo, interpretar seus valores e relações, não dissociando o pensamento da realidade dos atores sociais e onde pesquisador e pesquisado são sujeitos recorrentes, e por consequência, ativos no desenvolvimento da investigação.

Complementando a linha investigativa, já a pesquisa quantitativa, segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.33), “tem suas raízes no pensamento positivista lógico, tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana”.

Nessa linha, ao utilizarmos o método tanto quantitativo quanto qualitativo, Gray (2012, p. 165), vem nomear essa junção, como uma pesquisa mista, que segundo o autor, os desenhos de métodos mistos são aqueles que “pelo menos, um método quantitativo e um qualitativo, onde nenhum deles está inerentemente ligado a qualquer paradigma de investigação”.

Além da pesquisa mista, o autor ainda propõe que a coleta de dados seja feita por questionários com perguntas abertas e perguntas fechadas que “são ferramentas de pesquisa por meio das quais as pessoas devem responder ao mesmo conjunto de perguntas em uma ordem predeterminada” (Gray, 2012, p. 276).

1.5 Estrutura do Trabalho

A estruturação desta dissertação será composta por cinco capítulos, divididos em duas partes. Parte I – Enquadramento Teórico e Parte II- Enquadramento Empírico.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I. A produção de texto na construção das competências e habilidades do aluno, na qual será abordado o contexto do discurso na escrita e na oralidade, os PCNs e a produção textual na sala de aula, as narrações e seus gêneros jornalísticos, as diversas formas de comunicação e os gêneros como forma de aprendizagem do aluno. Capítulo II. O uso do jornal e da revista na sala de aula abordará sequencialmente, o planejamento pedagógico para o uso da linguagem jornalística na disciplina de redação, a produção textual em sala de aula com o uso de jornais e revistas, as etapas para o uso dos jornais e revistas na sala de aula, a linguagem jornalística e o conteúdo de informação e a formação da criticidade do aluno, utilizando o texto impresso.

PARTE II – ENQUADRAMENTO EMPÍRICO

Capítulo III. Metodologia da Investigação – apresentamos a pergunta de partida, Objetivos – Geral e Específicos, Instrumentos de recolha de dados, Metodologia de Investigação. Capítulo IV. Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados – apresentam-se os dados obtidos na nossa Investigação e os resultados, após essa análise será apresentado um Projeto a implementar na nossa Escola de Estudo, no sentido de facilitar a integração das crianças e jovens. Por fim, as considerações finais que irão compor a apresentação dos principais resultados da Investigação e Sugestões para futuras investigações. Por fim, as referências bibliográficas que serviram de suporte ao nosso estudo e os respetivos anexos.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I – A PRODUÇÃO DE TEXTO NA CONSTRUÇÃO DAS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO ALUNO

1.1 O contexto do discurso na escrita e na oralidade

O texto jornalístico aparece tanto no contexto dos jornais, quanto em revistas e sua veiculação pode ocorrer em formato impresso e eletrônico, sendo esse último abrangendo um leque das opções que contemplam a internet, os meios audiovisuais e a TV. Porém, vale ressaltar que independente do veículo no qual o texto jornalístico se encontra, a compreensão dele dependerá da referência, da informação e do argumento utilizado no conteúdo (Dittrich, 2003).

Os discursos que permeiam o texto jornalístico se dividem em jornalismo extensivo e intensivo, sendo que “o primeiro predomina nos meios audiovisuais, com ênfase na informação e na notícia: devido ao fator tempo, ao ritmo, a não remissão, e o intensivo, é exercido à base da reflexão” (Dittrich, 2003, p.27).

O poder sempre ocupou um lugar de destaque na reflexão sobre o discurso, tanto que as perspectivas que procuraram estabelecer elos do poder com a linguagem são muito variadas. Ribeiro (2006), explica que as disciplinas especializadas como: linguística, semiologia, semiótica, análise do discurso e filosofia da linguagem apresentam formas diferentes de abordar essa questão, e que no interior dessas disciplinas há inúmeras correntes antagônicas. E é na ação comunicativa que se faz presente a presença do locutor.

É razoável considerar que a competência comunicativa de qualquer locutor comporta uma dimensão propriamente argumentativa, que lhe permite construir uma posição sobre um assunto qualquer e permite também construí-la de modo que ela “se mantenha” em situação de contestação (Emediato & Lara , 2011, p. 72).

É diante o exposto, que segundo Erbolato (2003), o mais importante da comunicação no meio jornalístico se dá em fazer-se entender. O autor ainda reforça que “o melhor conhecedor do vernáculo, mas que tenha um estilo difícil e se utilize de

palavras pouco conhecidas, não será, em tempo algum, bom jornalista” (Erbolato, 2003 ,p.91). Esse discurso só reafirma o que propõe a linguagem da imprensa, que se recomenda uma clareza e uma simplicidade na escrita para que possa de fato, contribuir com a compreensão do que se quer dizer.

Ribeiro (2006), comenta que Barthes é um pensador bastante emblemático, de certo caminho que a semiologia percorreu desde suas origens estruturalistas. Entretanto, todo pensamento contemporâneo sobre linguagem refere-se à obra de Saussure, que é o pai da linguística moderna, por ter sido o primeiro a estabelecer as bases dessa ciência, definindo-lhe um objeto e um método de análise.

Saussure (*cit.in* Ribeiro, 2006, p. 82), afirmou que “a linguagem verbal (oral e escrita), por ser multiforme e heteróclita, não poderia ser objeto da linguística.” Afinal um simples ato de fala envolve muitas variáveis de natureza psíquica. (Associação entre imagem acústica e conceito), fisiológica (transmissão pelo cérebro de impulso correspondente ao significante para o aparelho fonador) e física (propagação das ondas sonoras).

Nesse viés, a linguagem possui também um papel relacionado a uma parte social (a língua, que é compartilhada) e uma em relação à parte individual (a fala, singular a cada indivíduo e a cada ato). Além disso, a linguagem pode ser pensada a partir de uma dimensão sincrônica (enquanto um estado, estática) ou diacrônica (enquanto uma fase de evolução, dinâmica). Desta forma, a linguagem na sua totalidade era incognoscível. E para estudá-la seria necessário fazer um recorte que a tornasse um objeto mais simplificado. Por isso ele propôs que se privilegiasse a língua (Ribeiro, 2006).

Para o autor, a língua faz parte da linguagem, por desenvolver um papel importante na sociedade, na qual é considerada como: um sistema abstrato de normas (fonéticas, gramaticais e lexicais), que seria anterior ao indivíduo e a ele se imporia como uma força coercitiva.

A fala, ao contrário, seria individual (dependeria de um ato de vontade e inteligência), pois estava condicionada por fatores contingentes, difíceis de determinar e, portanto, inapreensível cientificamente Saussure (*cit.in* Ribeiro, 2006).

Além disso, Saussure propôs também que se privilegiasse a perspectiva sincrônica, pois acreditava que não deveriam ser enfatizados nos estudos sobre linguagem, os elementos do contexto sócio-histórico, por serem externos ao sistema linguístico. Foi somente com a obra de Barthes que a questão do poder e do discurso passou a ser tematizada.

A linguagem deixou de ser articulada a seres de carne e osso que não só criam essas regras através de suas práticas sociais cotidianas, mas que também as tornam vivas através dessas mesmas práticas. Criada a partir da década de 50 na França, a semiologia trouxe consigo uma influência notável, a de que nós seres humanos estamos cercados de signos, sejam eles sonoros, como também visuais.

Esse estudo efetuado por Saussure deixou-nos um legado muito grande, uma vez que quando se pensa em uma palavra, ou algo cujo significado muito grande, é necessário recorrer ao estudo dos signos para compreender sua amplitude. Roland Barthes foi um dos discípulos de Saussure, e deu seus primeiros passos semiológicos dentro do estruturalismo, de abordagem funcionalista, entretanto, gradativamente foi reciclando sua concepção sobre o papel dos signos.

Dos seus estudos, Barthes observou que o semiólogo deve se preocupar com a formulação de conceitos e ocupar-se com o desenvolvimento da pesquisa. É a possibilidade de juntar a teoria e a prática, em uma síntese do saber-fazer com um sentido histórico.

Nesse sentido, o discurso barthesiano parece ter correspondido à prática, tanto que Barthes deixou um legado teórico e analítico com as digitais de uma singularidade, uma vez que evidenciou a essencialidade da conotação na compreensão da realidade dos signos. Como crítico e ensaísta, deu a conotação um sentido invariante, por isso foi obsessivo na produção conceitual, por vezes, com profundidade e em outros momentos

com superficialidade, valorizando a linguagem, como um evento decisivo na produção cultural. Para Barthes (*cit. in Ramos, 2008*), o semiólogo:

Seria, em suma, um artista (essa palavra não é, aqui, nem gloriosa, nem desdenhosa, refere-se somente a uma tipologia): ele joga com os signos, como um logro consciente, cuja fascinação saboreia, quer fazer saborear e compreender .

A semiologia barthesiana, em seu perfil singularizado, é recheada por inúmeras categorias. Cinco delas parecem, salvo melhor juízo, tecer sua essencialidade. É o *mito*, *o poder*, *a cultura*, *fait divers* e *a ideosfera*, que conotam os olhares relativizadores sobre a realidade semiológica.

Observa-se que as histórias circulam na memória coletiva. Para Durand (2002, p. 50), o imaginário é “o trajeto antropológico do *homo sapiens*, é difícil separar imagens, gráficos e vozes de uma narrativa” Conforme Pierre Nora (1993, p.14),

Tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história. Sem dúvida é impossível não se precisar dessa palavra. Aceitemos isso, mas com a consciência clara da diferença entre memória verdadeira, hoje abrigada no gesto e no hábito, nos ofícios onde se transmite os saberes do silêncio, nos saberes do corpo, as memórias de impregnação e os saberes reflexos e a memória transformada por sua passagem em história, que é quase a contrário, voluntária e deliberada, vivida como um dever e não mais espontânea; psicológica, individual e subjetiva e não mais social, coletiva, globalizante. Da primeira, imediata, à segunda, indireta, o que aconteceu? Pode-se apreender o que aconteceu, ponto de chegada da metamorfose contemporânea.

Com relação à questão do mito e da verdade Rocha e Pereira (2008), contam que embora o mito possa não ser uma verdade, “isto não quer dizer que seja sem valor”. A eficácia do mito e não da verdade é o critério para pensá-lo, uma vez que o mito pode ser efetivo e, portanto, verdadeiro como estímulo forte para conduzir tanto o pensamento quanto o comportamento do ser humano ao lidar com realidades existenciais importantes. Pois para ele a própria ideia de verdade é um conceito discutível.

Porque para muitos pensadores a verdade não existe, e o que chamamos de verdade não passa no fundo, de uma versão bem-sucedida de um acontecimento. Por isso ele acredita que é inútil tentar compreender se o mito diz ou não a verdade. Rocha e Pereira (2008), por sua vez também definem o mito como uma narrativa, um discurso, uma fala. Entretanto, ele explica que essa é uma forma com a qual as sociedades possuem para espelharem suas contradições, exprimir seus paradoxos, dúvidas e inquietações.

1.2 Os PCNs e a Produção Textual na sala de aula

Os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais são uma coleção de documentos que reúnem a grade curricular de uma escola. A elaboração desses documentos tem como objetivo, servir como ponto de partida para o trabalho da equipe pedagógica com seus professores, norteando as atividades que serão realizadas na sala de aula.

Esses parâmetros existem para propor um trabalho inicial, mas cabe cada escola propor seu Projeto Político Pedagógico, atendendo a sua demanda pedagógica e cultural. Os PCNs são considerados como uma orientação do cotidiano escolar, os conteúdos tem que ser adaptados a realidade social da localidade da escola, para atender de forma eficaz o aprendizado dos alunos.

Os PCNs definem que seus currículos e conteúdos devam facilitar o trabalho da instituição, principalmente quando forem construir sua proposta pedagógica anual. Esse documento é dividido em seis volumes que comportam as disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Arte e Educação física. (PCNs, 2000)

A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais surgiu para ser a base comum nacional da Educação do Brasil, contudo, essa proposta sempre foi do MEC- Ministério da Educação, contudo, a sua eficácia se dá apenas como um documento direcionador que poderá contribuir com as demais propostas pedagógicas realizadas pelas escolas. Para Assumpção (2009, p.9),

“Os PCNs de Língua Portuguesa (1998) sugerem procedimentos (estratégias) que podem ser auxiliar na compreensão de textos e na formação de leitores autônomos”

A linguagem jornalística, postulada anteriormente pelos pensadores, possui um lugar de destaque nas legislações brasileiras. Os PCNs, também conhecidos como Parâmetros Curriculares Nacionais, preconizam que a produção de texto seja ela oral ou escrita, são práticas discursivas que compõem o ensino aprendizagem do aluno. A fundamentação dos PCNs está intrinsecamente interligados na Teoria dos gêneros textuais, na qual propõe o uso tanto da forma escrita quanto oral, sendo assim, um suporte para a prática do ensino da língua materna (Lovato, 2011).

Com isso, trabalhar diferentes gêneros textuais é proposto pelos PCNs-Língua Portuguesa, como atividades complementares que podem contribuir com o aprendizado do aluno. Miranda e Santos (2010), referem que trabalhar com os gêneros notícia e reportagem, seja ela veiculados em jornais ou revistas, além de contribuírem com a vida e a cultura do aluno, esses gêneros podem contribuir também com a sua formação crítica.

A proposta dos PCNs nasce da necessidade de melhorar a qualidade da educação no País. E é com o domínio da língua que acontece a, “possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha e constrói visões de mundo.” (PCNs,2000, p.21).

Nesse sentido, a linguagem possibilita ao homem conviver socialmente com seus pares, através dos discursos que permeiam o contexto histórico e social. Esse discurso, quando produzido, sendo os PCNs de Língua Portuguesa:

Manifesta-se linguisticamente por meio de texto que é o produto de atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja sua extensão. Desta forma, um texto só é um texto quando pode ser compreendido com unidade significativa global, quando possui textualidade. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados. (PCNs,2000, p.23).

Esse documento vem postular que a leitura e a produção de textos, sejam eles na esfera oral ou escrita, deve proporcionar ao indivíduo o conhecimento necessário para a sua interação ao meio em que vive. Com isso, a comunicação atenderá o seu comprometimento com a cidadania, no “desenvolvimento da capacidade do uso eficaz da linguagem que satisfaça a necessidade pessoal do indivíduo em se comunicar.” (PCNs, 2000, p.25).

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa, a educação básica de Língua Portuguesa, deve proporcionar aos alunos os objetivos transcritos no quadro 01.

Quadro 01: Objetivos dos PCNs e Língua Portuguesa

Objetivos dos PCNs de Língua Portuguesa, referentes aos tipos de textos
<ul style="list-style-type: none">• Utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam;• Conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado;• Compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz;• Valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos;• Utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos: identificar aspectos relevantes; organizar notas; elaborar roteiros; compor textos coerentes a partir de trechos oriundos de diferentes fontes; fazer resumos, índices, esquemas, etc.;• Valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais, sendo capazes de expressar seus sentimentos, experiências, ideias e opiniões, bem como de acolher, interpretar e considerar os dos outros, contrapondo-os quando necessário;• Usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para expandirem as possibilidades de uso da linguagem e

a capacidade de análise crítica;

- Conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia.

Fonte: PCNs, 2000, p.26

Em consonância com estes objetivos é que as instituições de ensino do Brasil deverão organizar seus conteúdos de Língua Portuguesa. Assim, a produção de texto neste campo, tem a finalidade de formar escritores competentes que sejam capazes de produzir diversos tipos de textos (PCNs, 2000).

E é nesse viés que os PCNs vêm demonstrar em seu documento a importância dos Gêneros Discursivos que mapeiam a organização da aprendizagem em consonância com a coerência e o princípio didático. Vale ressaltar que o documento não elenca os tipos de gêneros que seriam adequados para o ensino da leitura e da escrita na sala de aula, contudo, a seleção dos textos que são feitos pelo professor, poderá contribuir e muito, com o interesse e o aprendizado do aluno. Nesta linha,

Os gêneros devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional (Marcuschi, 2006, p. 25).

Para que o aluno adquira todas as competências e habilidades para se produzir um texto, ele primeiramente deverá ser um bom leitor, conhecer os diversos gêneros textuais que o possibilitará a argumentar e redigir um texto com competência. Para isso, o aluno terá que aprender a apreender, como o descrito nos PCNs (2000),

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe (PCNs,2000, p.48).

Neste sentido, é percebido que a produção continuada dos textos, principalmente na sala de aula, poderá contribuir e muito com o avanço da qualidade da produção

textual do aluno, principalmente se ele tiver acesso aos diversos tipos de gêneros, que são hoje considerados como ferramentas indispensáveis na socialização do indivíduo. Para Marcuschi, trabalhar os gêneros textuais na sala de aula “é uma oportunidade de ligar com a linguagem em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia” (Marcuschi, 2002, p.35).

Nessa perspectiva, trabalhar com os gêneros, em especial os jornalísticos, propicia aos alunos adentrar as situações reais do cotidiano, que poderão ser de extrema importância para o desenvolvimento de suas competências.

1.3 As Narrações e seus gêneros jornalístico

O texto narrativo é considerado como uma das ferramentas mais utilizadas na comunicação humana, tanto no campo da oralidade-compreensão, quanto na sua produção escrita (Jerônimo & Hübner, 2014). Nesta linha, Marcuschi (2008), ainda complementa que “todos os textos se realizam em algum gênero e todos os gêneros comportam uma ou mais sequências tipológicas” (Marcuschi, 2008, p.176).

E quando essa narração passa a ser um gênero jornalístico, a sua definição dos textos veiculados em jornais e revistas, sendo considerados gêneros, vem sendo discutidos desde os anos 50. Contudo, a teoria de gêneros foi adaptada ao jornalismo um tempo depois onde,

A noção de gênero jornalístico diz respeito ao texto, ao discurso, à narratividade, se quisermos. Categorias como função e finalidade, tratadas também como propósito ou intencionalidade, narração, dissertação e “relato” são importantes. Entretanto, ao mesmo tempo que são frequentemente questionadas na geração de classificações dentro da comunicação e dos campos de origem, não são tensionadas com noções e categorias das teorias do jornalismo, que pensam a instituição, a lógica do fazer-jornalístico, seu processo produtivo, suas propriedades. Na linguística, por exemplo, o conceito de “propósito comunicativo” tem sido interrogado por ser variado para cada gênero e na relação com o interlocutor, além da sua dimensão subjetiva. (Seixas, 2013, p.166).

Diante dos diversos questionamentos que o autor nos coloca em relação à noção de género jornalístico, cabe ressaltar que o processo de produção jornalística, seja ela para a sua veiculação em jornais ou revistas, acabam por determinar a sua classificação. A linguagem utilizada, o receptor dessa linguagem e o seu objetivo comunicativo, faz com que seus textos sejam categorizados como género. (Lopez & Mata, 2009).

No jornalismo habitam várias formas discursivas. Para compreender a(s) sua(s) significação(ões) é necessário verificar e validar fronteiras, nomeadamente no que concerne a modelos de redacção. Mas, tal como na literatura, a dificuldade de delimitação em campos estanques predefinidos é uma constante. Nos meios de comunicação social, os factos/acontecimentos são “enquadrados” a partir de modelos funcionais-argumentativos da linguagem. (Lopes, 2017, p.8)

Tanto que a palavra pode ser vista como uma possibilidade de refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de estar no mundo ou das relações sociais. Ele esclarece ainda que o mito é um fenómeno de difícil definição porque por trás dessa palavra pode estar contida toda uma constelação ou uma gama versificada de ideias. Assim,

O mito faz parte daquele conjunto de fenómenos cujo sentido é difuso, pouco nítido múltiplo. Serve para significar muitas coisas, representar várias ideias, ser usado em diversos contextos. Qualquer um pode, sem cerimônia, utilizar a palavra para designar desde o "mito" de Édipo ao "mito" Michael Jackson, passando pelo "mito" da mulher amada ou da eterna juventude. O mito é também uma palavra que está em moda. Um conceito amplo e complexo, por trás de uma palavra chique (Rocha & Pereira 2008).

Os autores anteriormente referidos comparam a necessidade de compreender o significado da palavra como uma teia de aranha, cheia de entradas e saídas, como num labirinto ou um quebra-cabeça, onde as peças estão espalhadas e ao juntar-se surge o esboço de uma figura. Daí o fato dele comparar a palavra inicialmente como uma narrativa ou uma fala qualquer, porque ele lembra que se fosse apenas uma palavra ela se perderia no emaranhado de frases, mas que nós seres humanos temos particularidade de possuir e organizar símbolos que se tornam linguagens articuladas, aptas a produzir qualquer tipo de narrativa. Ao conceituar mito através de diversos cientistas, Rocha e

Pereira (2008, p. 18) perceberam que se tratava de um arquétipo, “uma manifestação do inconsciente coletivo”:

O arquétipo significa um determinado tipo de "impressão" psíquica, como se fosse uma marca ou imagem. Um conjunto de caracteres que, em sua forma e significado, são portadores de motivos mitológicos arcaicos. Aí está, pois, o sentido do mito. Conteúdo e manifestação do inconsciente coletivo. Encontrado nas mais diversas culturas humanas e, num passe de mágica arquetípica, reencontrado no mais fundo da cuca de cada um de nós. Mito para Jung é uma questão de interiores da mente. Ali se origina ali se manifesta. Reflete-se na exterioridade cultural, nasce na interioridade psíquica. Está expresso em muitos lugares e habita apenas aqui dentro.

O mito, por seu esquema tridimensional – significante significado e signo – está presente. Ele revela-se como um sistema de significação secundário, marcado e demarcado pela conotação. O que é signo, em um primeiro sistema, será convertido em significante no segundo, conforme observa Barthes (1993). Barthes concebe o mito como uma forma de fala, despolitizada, produzida pela conotação. “Não nega as coisas”. Apenas as torna inocentes, dando-lhes um sentido natural e eterno, através do seu caráter interpelatório e imperativo.

Ele explica que o mito não se caracteriza pelo objeto de sua mensagem, mas pela sua forma. Pode ser pronunciado por diferentes representações: uma foto, um anúncio ou uma reportagem, etc. Por isso dispõe de mensagens factuais, de extração denotativa, mas investindo na conotação. Contar histórias pode ser considerado como uma arte, a qual pode ser encontrada em todas as nações, com cada história a ser contada adaptada ao modo de vida, à cultura de cada local.

Como o mito e a história, os gêneros jornalísticos passam a compor a tessitura da vida das pessoas, seja através dos anúncios, sejam através de uma reportagem veiculada em um jornal, ou em um texto produzido para uma revista. Assim, Lopes, (2017, p.8), refere que:

Os gêneros jornalísticos “ordenam” o material informativo, produzem discursos sociais mais ou menos diferenciados. Funcionam como categorias básicas intrinsecamente ligadas à expressão da mensagem jornalística, à sua forma e estrutura. Basicamente, podemos dizer que existem dois grandes grupos onde se “arrumam” os gêneros jornalísticos enquanto matriz teórica: o que serve

para dar a conhecer factos/acontecimentos, através da sua descrição e narração; e o que visa dar a conhecer ideias, através da exposição de comentários e juízos de valor acerca de factos/acontecimentos. No primeiro caso, falamos de géneros informativos (facts); no segundo, de géneros opinativos (comments) .

A necessidade de se contar histórias, de acordo com Coelho (2003), surgiu com a vontade sentida pelo homem de obter explicações racionais sobre o mundo em que vive, começando a buscar no mito, na sua própria imaginação, narrando de fatos fantásticos, com sua própria visão de compreender o mundo, criando deuses, heróis para justificar forças da natureza. Assim, na verdade, os contos de fadas tratam-se basicamente de relatos de pessoas que viveram uma vida simples, mas em busca de explicações sobre o mundo em que viviam.

O narrador é uma figura plenamente tangível, que conta histórias, que podem ser interpretadas de inúmeras maneiras. Em geral, o narrador tem um senso prático, tendo em si de uma forma latente uma dimensão utilitária, na maioria das vezes consistindo em um ensinamento moral, de sugestão prática, de norma de vida, seja como for, é um homem de conselhos (Benjamin, 1994).

1.4 As diversas formas de comunicação

Em sintonia com os textos narrativos, a linguagem tem sido concebida de diversas maneiras, nas quais segundo Koch (1992, p.9) podemos citar três: “a) como representação (espelho) do mundo e do pensamento, b) como instrumentos (ferramenta) de comunicação e como forma (lugar) de ação ou interação”.

A linguagem nos proporciona atingirmos os objetivos de atuação com o outro. É com isso, que percebemos o quanto a linguagem é essencial a nossa existência (Koch,1992). A autora ainda defende a linguagem como inter-ação, inter-individual e social.

Dentre as modalidades de comunicação, temos a língua falada e a língua escrita que se distinguem, segundo Koch (1992, p. 68):

Fala: não planejada, fragmentária, incompleta, pouco elaborada, predominância de frases curtas, simples e coordenadas, pouco uso de passivas.

Escrita: planejada, não fragmentária, completa, elaborada, predominância de frases complexas, com subordinação abundante, emprego frequente de passivas etc.

Cabe salientar que diante o exposto, tendo tanto as características da comunicação falada e escrita, a autora nos demonstra dentro da formalidade e informalidade, os diversos tipos de interação. E é nesse campo, o da escrita que se busca compreender melhor, principalmente nos textos de jornais e revistas. Nessa mesma linha, Faria e Zancheta (2007, p. 20), apresentam-nos os diferentes registros de linguagem que circulam na sociedade:

Linguagem formal: trata-se do registro erudito, somado à especialização das diferentes áreas do conhecimento. O material linguístico com o qual se constroem as análises econômicas, misturando-se construções mais cultas e os jargões do “economês”, são um bom exemplo.

Linguagem intermediária: um registro culto, porém mais livre dos jargões das áreas específicas, o que torna os enunciados mais compreensíveis aos não especializados. Jornais como a FSP ou o OESP ou uma revista como a Veja, explicando ao público uma nova descoberta da ciência, utilizam-se predominantemente desse registro.

Linguagem coloquial: linguagem de transição entre os registros mais cultos e os mais populares. É a mais comum na televisão ou no rádio, útil quando se pretende falar a grandes públicos. É também a linguagem entre as pessoas nos estabelecimentos de serviço público ou privado.

Linguagem popular: tipo de registro que predomina sobretudo na linguagem das classes mais pobres da população, que não tiveram ou tiveram acesso parcial à escolarização. É a linguagem de feira livre, do time de futebol, da “rua”, dos jornais sensacionalistas.

Linguagem familiar: desenvolve-se no seio de pequenas comunidades, somando-se os componentes verbal e gestual, e perfazendo um resultado plenamente compreensível apenas dentro daquela comunidade. Um simples olhar do pai para sua filha que pede para sair à noite é suficiente para que a menina não só saiba a resposta ao seu pedido, como também o que o pai pensa sobre a hipótese de ela passear à noite naquelas condições

É nesse aspecto, que a linguagem se faz presente no cotidiano do brasileiro. Sendo ela formal, intermediária, coloquial, popular e familiar, todas inseridas em seu contexto, visa proporcionar a interação entre os sujeitos. Para Gomes (2000, p. 19),

“seu papel, função primordial será necessariamente aquele que a língua/instituição social implica: o de organizar discursivamente, o que, aliás, é a prática jornalística por excelência.”

A linguagem jornalística que é encontrada tanto em jornais, quanto em revistas, visa associar a linguagem escrita a linguagem visual, também conhecida como símbolos. Esses se encontram em toda a parte dos textos, compondo assim, a interpretação do texto, juntamente com as figuras de linguagem. Estas linguagens podem ser conhecidas também como gêneros textuais, como se pode observar na tabela 01:

Tabela 01: Tipos de Gêneros Jornalísticos

GÊNERO	TIPOS
Informativo	Notícia; Reportagem; Entrevista; Título e Chamada.
Opinativo	Editorial; Comentário; Artigo; Resenha; Crítica; Coluna; Carta e Crônica.
Utilitários	Roteiro; Obituário; Indicadores; Campanhas; Educacional.
Ilustrativos e Visuais	Gráficos; Tabelas; Quadros; Demonstrativos; Ilustrações; Caricatura e Fotografia.
Propaganda	Comercial; Institucional e Legal.
Entretenimento	História em Quadrinhos; Passatempos; Jogos; Palavras cruzadas; Contos; Poesias e etc.:

Fonte: Gomes, (2000, p. 19).

Os gêneros jornalísticos, além de traçarem os objetivos que visam contemplarem tanto em um jornal quanto em uma revista, eles por si só buscam promover a interação crítica entre as diversas formas de comunicação entre o escritor e o leitor.

A linguagem jornalística representada tanto nas revistas quanto em jornais, conforme ilustra a figura 1, vem proporcionando aos alunos, um conhecimento muito mais aprofundado do meio em que ele se encontra inserido, facilitando assim, sua interpretação de mundo.

Figura 01: Jornais e Revista



A linguagem jornalística, com os seus múltiplos gêneros textuais, tem como obrigação através da objetividade, da simplicidade, da imparcialidade, da universalidade e da empatia com o leitor, integrar o texto com o contexto social e histórico desse leitor, sempre associados à objetividade do texto.

1.4.1 Os gêneros como forma de aprendizagem do aluno

Utilizar jornais e revistas como recursos pedagógicos, faz com que os alunos estejam sempre em contato com a atualidade, proporcionando o diálogo sobre o que acontece em seu meio, e em relação ao mundo. Nesse sentido, faremos uma breve complementação sobre alguns gêneros que contribuem com o conhecimento dos alunos.

O gênero jornalístico notícia é um texto informativo que tem um valor significativo em um jornal ou revista. Ele é um texto que tem como objetivo informar o leitor, com precisão sobre os fatos que ocorreram ou que estão ocorrendo no país e no mundo. Segundo Faria (1994, p.102),

“para se produzir notícia é preciso que o redator pesquise, apure os fatos, selecione os dados importantes e os interprete. Sua linguagem, ligada a função referencial, tem estrutura rígida.”

A notícia é encontrada tanto em jornais, quanto em revistas, e seu texto, muitas vezes repletos de símbolos tem o papel de cumprir seu propósito que é de levar um conteúdo com a maior veracidade e riqueza de detalhes, como é possível verificar na figura 2, que discorre sobre uma notícia sobre a Escola Secundária.

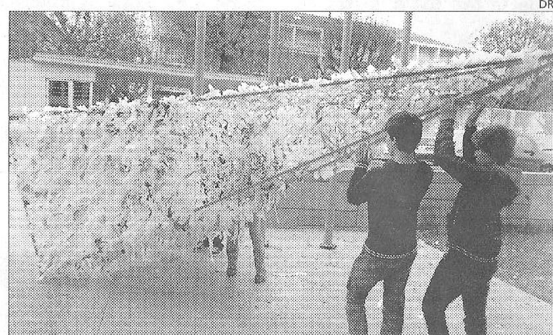
Figura 02: Notícia

Escola Secundária D. Maria II ergueu árvore de Natal ecológica

A Secundária D. Maria II está embelezada com uma árvore de Natal ecológica, feita a partir de sacos de plástico de superfícies comerciais.

A iniciativa foi de um grupo de professoras estagiárias da escola, que frequentam o Mestrado em Ensino de Artes Visuais da Faculdade de Filosofia de Braga.

O objectivo foi ir de encontro à atitude crítica e reflectida que a Escola D. Maria II tem sobre a preservação do meio ambiente. Esta árvore pretende alertar a comunidade escolar para o reaproveitamento de materiais recicláveis, de forma a reforçar o pensamento ecológico e evitar o consumo excessivo.



Árvore foi erguida junto à porta principal da escola

A partir de sua definição, o trabalho com a notícia na sala de aula, poderá está atrelada ao comentário da notícia e a comparação da lide e das manchetes. Contribuindo assim, com a formação do educando, fazendo com que ele possa produzir uma notícia com base em factos verídicos e que tenham o compromisso com a pesquisa e com a seleção das informações. Já a reportagem é um gênero jornalístico que permite ao leitor conhecer um fato com maior profundidade, por se apresentar normalmente ampliado com dados estatísticos, fotografias, opinião do jornalista e de pessoas envolvidas com o assunto.

E o conhecimento de qualquer facto em profundidade, está intrinsecamente interligado aos textos jornalísticos, em especial, às reportagens conforme expõe a figura 3:

Figura 03: Reportagem

SANTOS 18 de março de 2009

Crianças têm aula de surfe no reinício do projeto 'Omelca'

Foto: Francisco Arari

Cerca de 20 alunos da rede municipal, entre quatro e 12 anos, com necessidades educacionais ou problemas de adaptação escolar, participaram do projeto 'Omelca', reiniciado ontem pela prefeitura com aula prática de surfe na praia da Pompeia. As aulas de surfoterapia, decorrentes de parceria entre as secretarias de Educação e Esportes, são dadas às terças-feiras, das 9h às 10h e das 15h às 16h, na 'Escola Radical de Surf', no Posto 2. Segundo a coordenadora do projeto, Miriam Bigão Meretti, a iniciativa auxilia no desenvolvimento das crianças. "O 'Omelca' estimula os alunos a desenvolver suas potencialidades e habilidades, resgatando a autoestima". Silmara Leal Martins, mãe de Caroli



No contato com a água, alunos entre quatro e doze anos, desenvolvem habilidades e resgatam autoestima.

na, de sete anos, endossa a opinião da coordenadora. "Ela adorou a primeira aula. Está encantada com a possibilidade de surfar". Antônio Carlos de Oliveira, pai de David, de quatro anos, disse que o filho partici

pa do projeto pela segunda vez. "É uma oportunidade de melhora das relações sociais e inclusão". Os alunos dispõem ainda de oficinas pedagógicas e recreativas, com participação de pais ou responsáveis. Profissionais das áreas de pedagogia, psicopedagogia, fisioterapia, educação física e professores de surfe acompanham as crianças.

Esse gênero permitirá que o aluno possa desenvolver textos com mais criatividade, pois “os assuntos são praticamente inesgotáveis” (Faria, 1992, p.105).

No que diz respeito ao Editorial, esse é um gênero textual com finalidade persuasiva, normalmente escrito pelo editor-chefe do jornal ou da revista. Ele é a ferramenta que a revista e o jornal possuem para expressarem formalmente sua opinião sobre um acontecimento no país ou no mundo. Assim,

O editorial possui um fato e uma opinião. O fato informa o que aconteceu e a opinião transmite a interpretação do que aconteceu. Pelas características apontadas acima, podemos dizer que o editorial é um texto: dissertativo, pois desenvolve argumentos baseados em uma ideia central; crítico, já que expõe um ponto de vista; informativo, porque relata um acontecimento. O jornal que apresenta matérias excessivamente críticas e opinativas e que não possui um ambiente separado para editoriais é considerado “de opinião”! (Vilarinho, 2016, p.1)

E é esse facto ou opinião que é exposto em um editorial, que nos demonstra a interpretação do jornal/revista acerca de um determinado assunto, como vemos na figura 04:

Figura 04: Editorial



Compondo os gêneros jornalísticos, temos o artigo de opinião que, define-se como a forma de expressar opiniões de seus autores referentes a um assunto ou tema. Para Boff, Koche e Marinello (2009, p. 3),

O artigo de opinião é um gênero textual que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa. Ele expõe a opinião de um articulista, que pode ou não ser uma autoridade no assunto abordado. Geralmente, discute um tema atual de ordem social, econômica, política ou cultural, relevante para os leitores.

Nesse sentido, o artigo vem para complementar a opinião e ou responder aos questionamentos que permeiam o campo social. Para Vilarinho (2016, p.2), “as ideias defendidas no artigo de opinião são de total responsabilidade do autor, e, por este motivo, o mesmo deve ter cuidado com a veracidade dos elementos apresentados”.

A autora ainda vem complementar que

É muito comum artigos de opinião em jornais e revistas. Portanto, se você quiser aprofundar mais seus conhecimentos a respeito desse tipo de produção textual, é só procurá-lo nestes tipos

de canais informativos. A leitura é breve e simples, pois são textos pequenos e a linguagem não é intelectualizada, uma vez que a intenção é atingir todo tipo de leitor.

Na figura 5, é possível evidenciarmos a estrutura e o conteúdo que abarca um artigo de opinião. Nele podemos perceber que a leitura será breve com o intuito de atrair o foco do leitor.

Figura 05: Artigo de Opinião

Artigos

A mulher na política



Marcos Abrão

Deputado federal e presidente do PPS de Goiás



A política precisa ser essa instância de luta democrática cotidiana por uma sociedade mais justa e igualitária

Este mês de março, em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, é de celebração de conquistas no processo de emancipação feminina, mas, sobretudo, de mobilização e reflexão. Apesar dos direitos assegurados em lei, o que vivenciamos no dia a dia é um histórico absurdo de violências contra a mulher. O espírito do 8 de março deve permeiar a luta de cada dia por esse ideário de justiça e igualdade entre homens e mulheres, com as mesmas oportunidades e direitos a uma vida plena e segura.

Direitos e oportunidades de educação, vivência do corpo e da liberdade sem medo, ingresso no mercado de trabalho e ascensão profissional sem qualquer tipo de discriminação, um ambiente familiar livre de agressões e ameaças físicas ou verbais. Essa é a luta que devemos travar nos espaços públicos e privados. E a política precisa ser essa instância de luta democrática cotidiana por uma sociedade mais justa e igualitária. Os espaços institucionais onde essa luta acontece precisam refletir, legitimamente, a representação da sociedade, em todos os quesitos.

Um dos mais importantes é a participação da mulher nos espaços de luta social e de decisão política. Não há como se falar em democracia e em justiça social sem avançarmos na questão de gêne-

ro, sem que a mulher participe como protagonista da vida política do País, que tenha voz de comando, que interfira na formulação das leis e na execução das políticas públicas.

Ao olharmos para o Congresso Nacional Brasileiro, expressão máxima da representação política da nação, o que vemos é que as conquistas têm sido lentas, mesmo com a Constituição Cidadã de 1988, que assegura a igualdade de direitos e oportunidades. De um universo de 594 cadeiras, apenas 68 são ocupadas por mulheres, o que equivale a pouco mais de 11% da representação masculina. São 13 senadoras e 55 deputadas, um contraponto ainda tímido para a força do voto feminino, que é de 52,2% do eleitorado.

Aos partidos políticos cabe o desafio de avançar nas cotas de participação das mulheres nos pleitos eleitorais. Não basta cumprir o que determina a lei. É preciso ter política continuada de inclusão de mulheres na vida partidária, trazer para dentro dos partidos as mulheres que estão nos movimentos sociais, nas associações de bairros, nas entidades de classe. É função dos partidos trabalhar, efetivamente, pela eleição de mulheres, porque a qualificação da política também passa pelo aumento da presença feminina em todas as esferas de poder.

Já a entrevista nos Jornais e revistas, visa levar ao leitor a fala de um (a) expert em algum assunto de interesse social. Elas se apresentam:

“em forma de pergunta e respostas e pode-se ter: entrevista noticiosa; entrevista de opinião e entrevista de “ilustração”, sendo essa última, aquela que levanta dados biográficos do entrevistado.” (Faria, 1992, p.111).

A entrevista, como ilustra a figura 06, vem trazer ao leitor uma proximidade com o assunto e uma interação entre o entrevistado e o leitor.

Figura 06: Entrevista



A Carta ao leitor, ilustrada na figura 07, é um gênero discursivo que busca estabelecer diálogo entre leitores ou do leitor com o editor, possibilitando aos leitores em discordar, comentar, reclamar, elogiar ou até denunciar um problema de interesse social. Coelho (2014, p. 4) ainda vem postular que:

É um gênero que promove a interação por meio da escrita, mesmo que indiretamente, como uma atitude responsiva com o(s) autor(es) de outros textos como: reportagem, artigo de opinião, editorial entre outros gêneros que circulam nas diferentes esferas, tornando-se, assim, coautores neste processo de interação, uma vez que permite posicionar-se emitindo sua opinião.

Figura 07: Carta ao Leitor



Ainda dentro da escrita jornalística, temos o gênero entretenimento, que segundo o dicionário Aurélio, é “1 – O ato de entreter; 2 - Coisa que entretém; 3 – Brincadeira; 4

– Distração;5 – Divertimento;6 - Entretenimento. No ramo jornalístico essa definição não é diferente. Tanto os jornais, quanto as revistas reservam em seus veículos, um espaço para o entretenimento do seu leitor. Fazem parte, dentre outros textos, a tirinha, a charge e as histórias em quadrinhos. Sendo essa última, a que mais se utiliza na sala de aula.

Considerada como um subgênero da história infantil, a tirinha outro gênero jornalístico, apresentada na figura 08, possui elementos que fazem com que seu uso na sala de aula se torne uma forma prazerosa para os alunos. De fácil interpretação, elas podem abordar diversos conteúdos que contribuem para a formação crítica do aluno. Segundo Leite (2013, p 13),

Esse gênero é constituído pela linguagem verbal e não verbal que agregadas produzem o sentido do texto. Sendo um gênero agradável e de fácil análise linguísticas, leitura e interpretação textual, é bem instigante para o aluno que na maioria das vezes criam uma aversão à leitura.

Figura 08: Tirinhas

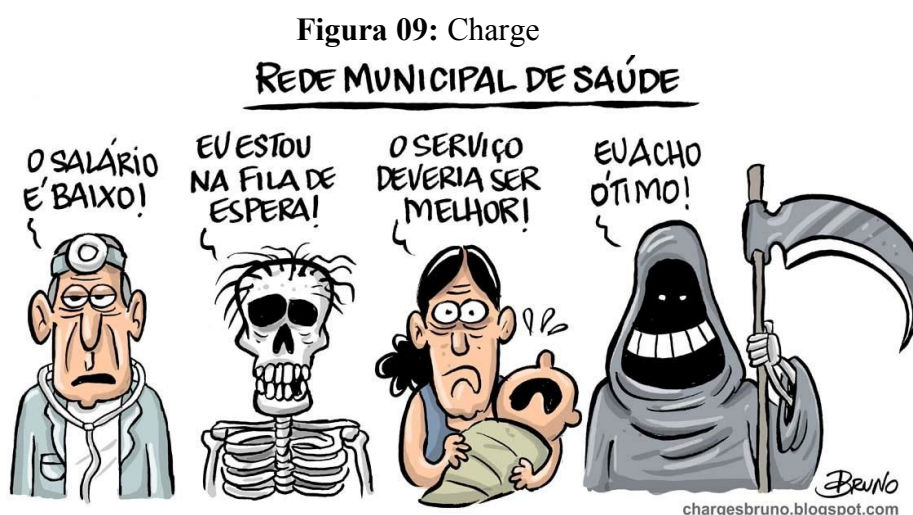


Em relação à charge no texto jornalístico, elas ajudam o aluno a refletir sobre os problemas que se encontram no meio no qual estão inseridos. Com isso,

A charge, enquanto um gênero multimodal, marcado pelas linguagens verbal e não-verbal, exige um conhecimento mais apurado do seu pretense leitor, além do conhecimento de mundo

necessário para interpretá-la, faz-se necessário ainda o conhecimento de outros meios semióticos de uso da linguagem que seria letramento visual (Maia,2017, p.4).

Sendo a tirinha um texto de fácil interpretação, ela assim, se torna de forma fácil o trabalho do educador.

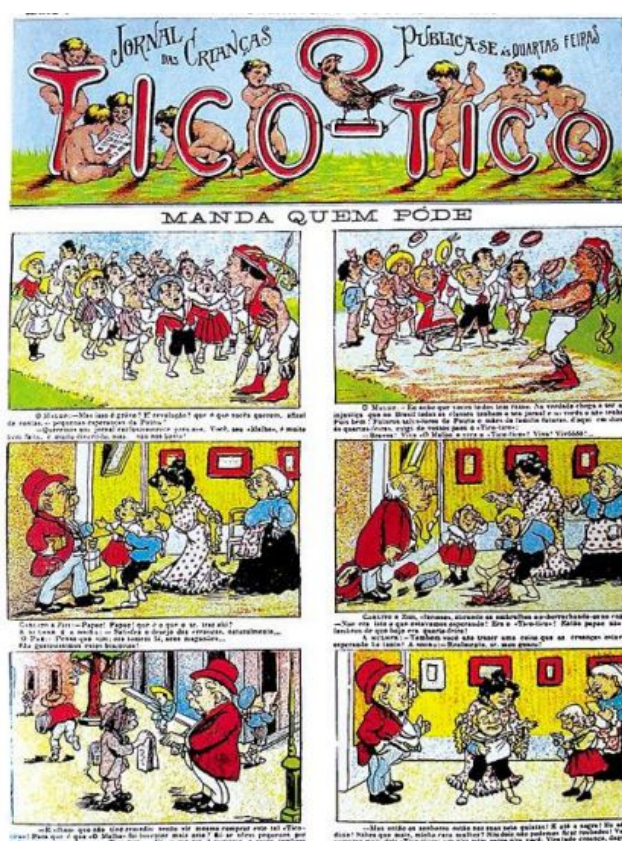


No caso da Educação, as charges conforme figura 09, juntamente com a história em quadrinhos são considerados um instrumento facilitador da aprendizagem, proporcionando o aprimoramento do ensino, permitindo que os professores trabalhem os conteúdos em texto aplicando metáforas. E, elas são fáceis de serem encontradas nos jornais e em algumas revistas.

Percebe-se que as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano extraclasse dos alunos, já que muitos alunos costumam lê-las tanto na forma de gibis como em jornais ou fascículos infantis que são agregados a publicações diárias (Vasco et al., 2008, p. 4).

A linguagem dos quadrinhos (figura 10), propagou-se por meio dos jornais e ganharam ao longo dos tempos, destaque com a produção de super-heróis, tornando-se um meio de comunicação de massas. O primeiro gibi de expressão no Brasil foi o Tico-tico em 1905 trazendo contos, poesia e textos informativos, reunindo uma diversidade de expressões culturais.

Figura 10: História em quadrinhos – Tico-Tico



Fonte: Tanino, (2011).

É importante destacar que as histórias em quadrinhos possuem narrativas quadro a quadro, utilizando discurso direto, caracterizando-se pela língua falada. Possuem os seguintes termos e conceitos: balão, requadro, onomatopeias, linhas cinéticas, metáforas e cores. Para que a compreensão da linguagem dos HQs – História em Quadrinhos, seja ampliada, é preciso conhecer os elementos que formam este repertório. Os termos e conceitos das HQs são: balão, requadro, onomatopeias, linhas cinéticas, metáfora visual e cores.

O requadro é a moldura que circunda os desenhos e textos de cada quadrinho ou vinheta. Parte da linguagem não verbal dos quadrinhos, o requadro, limita o espaço onde se colocam objetos e se passam as ações. Mas o formato da vinheta pode assumir outros entornos menos convencionais como, circulares, formato de um labirinto e vinhetas onduladas entre outros, dependendo do autor ou do espaço físico utilizado para produzir a história (Tanino, 2011, p. 24).

Sobre a importância do tempo nos quadrinhos, tem-se o seguinte:

Histórias em Quadrinhos são, em essência, uma sequência de quadros com imagens e textos que sugere uma ação ou acontecimento em movimento. Logo, os Quadrinhos possuem o tempo como elemento fundamental para determinar o ritmo e duração de uma história. O domínio desta técnica é essencial para Quadrinista, pois os Quadrinhos são um tipo de leitura dinâmica e bastante arrojada devido aos elementos visuais e gráficos contidos. Portanto, é necessário que o autor de Quadrinhos não procure realizar uma quadrinização chata e cansativa para o leitor (Pessoa, 2006, p. 77).

O balão por sua vez trata-se de convenções gráficas onde se insere a fala do personagem. As onomatopeias dão vida aos HQs apresentando os ruídos nos quadrinhos. As linhas cinéticas indicam o movimento dos personagens. Na metáfora visual, utilizam-se recursos gráficos para mostrar situações das histórias através de imagem.

Portanto, ao longo dos gêneros jornalísticos demonstrados, percebe-se que todos eles podem suscitar debates na sala de aula com o intuito de conduzir os alunos a uma reflexão crítica acerca do mundo no qual estão inseridos.

CAPÍTULO II: O USO DO JORNAL E DA REVISTA NA SALA DE AULA

2.1 O Planejamento Pedagógico para o uso da linguagem jornalística na disciplina de Redação.

O contexto histórico do Planejamento Pedagógico no Brasil, tem seu registro inicial com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova lançado em 1932, que buscava a concretização de um projeto nacional de educação. Muitas iniciativas daquele contexto contribuíram de forma expressiva, para a construção do atual Plano Nacional de Educação 2011-2020. Como podemos verificar os autores Bordignon, et al., (2011, p. 4), referem:

- A liderança do movimento dos educadores, organizados na ABE, na proposta da construção de um plano nacional de educação, que toma forma e expressão numa V Conferência Nacional de Educação de 1932;
- A ênfase na organização sistêmica da educação brasileira, como alternativa à superação das reformas fragmentadas e desarticuladas, seja na relação da educação com o projeto de sociedade, seja entre as diferentes etapas e modalidades de educação;
- A afirmação do direito de cada indivíduo à educação integral e o dever do Estado de oferecer *escola para todos*;
- A *função social da escola e seu caráter eminentemente público*, fundada nos princípios da *laicidade, gratuidade e obrigatoriedade*;
- A autonomia na gestão da *função educacional*, assegurada “pela instituição de um *fundo especial ou escolar (...)* administrado e aplicado exclusivamente no desenvolvimento da obra educacional, pelos próprios órgãos do ensino, incumbidos de sua direção”.
- A busca da *unidade na multiplicidade*, pela *aplicação da doutrina federativa e descentralizadora*, superando “o centralismo estéril e odioso, ao qual se opõem as condições geográficas do país e a necessidade de adaptação crescente da escola aos interesses e às exigências regionais”;

A associação entre sistema e plano, este situado no contexto da organização da educação brasileira, e destes com uma concepção de bases e diretrizes nacionais, a articular o todo num projeto nacional de educação.

Contudo, após o Manifesto de 1932, o planejamento no Brasil ganhou força com Governo de Juscelino Kubitschek, com o conhecido Plano Nacional de Desenvolvimento, que buscava atingir Metas através de estudos diagnósticos, referente

a Educação no País. Porém, o Plano de Metas foi abandonado mais tarde, pelo governo de Jânio Quadros (Bordignon, et al., 2011).

Com a Constituição Federativa do Brasil, promulgada no ano de 1988, nasce o conceito de Políticas Públicas e novamente, surge a preocupação em melhorar a Educação do Brasil, principalmente com a participação do povo que passou a representar o multiculturalismo nacional. Neste sentido, segundo Bordignon, et al., (2011, p. 18):

A nova Constituição de 1988 tem seu capítulo de educação fortemente influenciado pela participação do Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública – FNDEP – constituído em 1986, e que agregava inicialmente (com a denominação de Fórum da Educação na Constituinte em Defesa do Ensino Público e Gratuito) 15 entidades (CUT, CGT, OAB, ANPED, SBPC, SEAE, CEDES, ANDES, ANDE, CPB, FENOE, FASUBRA, ANPAE, UNE e UBES), todas engajadas no processo de redemocratização do País. O FNDEP foi lançado oficialmente em Brasília em 09/04/1987 com o "Manifesto em Defesa da Escola Pública e Gratuita.

Assim, com a preocupação em cumprir **Metas e Planear** melhor a Educação do Brasil, que a CF 88 vem contribuindo com a mudança do cenário educacional no país. Com isso, percebemos o quanto é importante, tanto no cenário macro que diz respeito ao Ministério da Educação/ Estados e Municípios, quanto no cenário micro que envolve desde o planejamento escolar, a sua divisão quanto conteúdos específicos. Capucha (2008, p. 14) vem complementar que:

Planear consiste em projectar uma mudança, antecipar conceptualmente uma realidade desejável, prever as etapas necessárias de transformação dessa realidade e os caminhos a percorrer pelos agentes, identificar os factores que afectam o processo e os modos como se pode intervir sobre eles, escolher as acções correspondentes e mobilizar os meios necessários para que a mudança desejada ocorra de facto no sentido projectado. Deste modo, o planeamento trabalha sobre as mesmas matérias que a acção rotineira e casuística. Distingue-se desta porque introduz sentido e rigor na organização do pensamento e no processo de tomada de decisão sobre as iniciativas a desenvolver e a prossecução da acção.

E é nessa linha que o planeamento é desenvolvido na Escola, ele consiste em uma organização dos professores, cada qual com a sua área de específica de

conhecimento que buscam organizar sua estrutura curricular em torno dos objetivos, metas e competências estabelecidas para a série em que ele lecionará. A equipa que organiza esse processo de planeamento é composta pelos professores, em suas diferentes áreas de conhecimento, as coordenadoras pedagógicas e de áreas e a Direção Escolar. Nesse sentido, Capucha, (2008, p.14), sublinha que:

o processo de planeamento e a avaliação, favorecem a democratização dos processos, a circulação da informação e do conhecimento sobre os mecanismos da mudança e a transparência acerca dos interesses envolvidos. Por isso podem interferir positivamente na mobilização de recursos, na geração de vontades e no envolvimento dos actores. Actuar de forma planeada e avaliar essa actuação constituem, pois, ferramentas de modernização das organizações que vão sendo adoptadas aos diversos níveis institucionais, do mais global ao mais local.

Pelo exposto anteriormente pode interpretar-se que as ferramentas que complementam a forma de planeamento de um texto, que nos faz perceber que na aprendizagem da escrita, o papel da diversidade dos gêneros textuais vem permitir que os sujeitos possam adquirir múltiplas habilidades no campo da comunicação, fazendo com que ele possa conseguir interagir com seus pares. Com isso, Vinhal, (2013, p.38) , acrescenta que:

Além de favorecer o contato dos alunos com a multiplicidade de gêneros, as diretrizes nacionais elencam entre as ações ligadas à escrita a revisão. Esse importante item no processo da escrita integra a produção textual tanto como prática discursiva e social quanto como uma atividade em que se aprende a língua refletindo-a a partir de seus usos. O ato de rever e posteriormente reescrever forçam seu locutor a planejar o seu texto pensando em suas condições de uso, adequando-o ao seu destinatário, por isso é uma atividade social e dialógica. Já como exercício metalinguístico, o sujeito aprende sobre a língua, suas regras, e coloca esse conhecimento em ação, tendo como objetivo a comunicação

Diante o exposto, é possível verificarmos que os Parâmetros Curriculares da Educação, postulam que a escola diante dessa multiplicidade de gêneros, desempenha um papel fundamental para a formação do indivíduo, que é “o de permitir que o sujeito supere a sua condição imediata” (Brasil, 1998, p. 47).

As habilidades que permeiam o campo da oralidade e da escrita se encontram facilmente em outras disciplinas e com isso, o papel da Redação se faz importante no desenvolvimento da competência linguística do educando. E, sendo assim, a Redação passa a ser:

O fenômeno da produção de textos escritos. Porém, importa entender previamente o que caracteriza o texto, escrito ou oral, unidade linguística comunicativa básica, já que o que as pessoas têm para dizer umas as outras não são palavras nem frases isoladas, são textos (Costa Val, 1999, p. 03).

Em consonância com Costa Val (1999), produzir um texto vai além da produção escrita, nele o que importa é a comunicação e a contribuição na interação entre os sujeitos. Vinhal (2013, p. 63) ainda vem postular que:

Conceber a atividade de escrita como produção textual implica mudanças de atitude dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. De meros relatores de assuntos, os estudantes passam a ser produtores, escritores que têm algo a dizer, de determinada posição social e de determinado contexto, seu discurso é direcionado a alguém. Enquanto o docente, de um severo corretor, ocupa o lugar de interlocutor, que não se esquiva de apontar as 64 correções, mas o faz na intenção de promover a interlocução e estimula as possibilidades de interação proporcionadas pela linguagem.

2.2 A Produção Textual em sala de aula, com o uso de Jornais e Revistas

Os jornais e as revistas utilizadas na sala de aula, compõem mais um entre tantos instrumentos de conhecimento. Contudo, a utilização deles requer além de um bom planejamento pedagógico, que o professor possa conhecer profundamente a linguagem jornalística e como é proposto todos os conteúdos existentes em um jornal (Faria, 1992). Nesse sentido,

“tratar um jornal como um mero sistema de signos linguísticos reduz e limita o seu uso como proposta pedagógica. Sendo a cidadania o oposto da proposta acrítica, uma das formas de estimular a formação do cidadão crítico é justamente propor que o aluno participe ativamente na história” (Moura & Tocantis, 2015, p. 100).

É importante que o professor mostre aos seus alunos como manusear um jornal, como escolher um, propondo inclusive uma comparação entre os diversos existentes em sua região. Discutir sobre a estrutura, a veiculação e o público alvo é interessante, porém é necessário que façam um roteiro, que segundo (Faria, 1992, p. 23):

A partir deste roteiro, a ser enriquecido com a experiência do professor, pode-se partir para todo tipo de comparações: revista e livro; revista e jornal; jornal diário e semanário; revistas informativas e revistas de entretenimento; revista de qualquer tipo e revista de quadrinhos; jornais impressos e jornais televisivos ou radiofônicos. A escolha fica a critério do professor, ouvida a classe.

As atividades realizadas com jornais e revistas permitem que o aluno possa expor seus conhecimentos, além de esclarecerem suas dúvidas no que tange às matérias na qual não possuem conhecimento. Sendo esse um dos pontos mais fortes em se trabalhar com jornais e revistas na sala de aula.

O desenvolvimento da oralidade através das discussões acerca dos assuntos apresentados nos textos jornalísticos permite também contribuir com a formação do discurso pessoal, além de proporcionar também o acesso livre à democracia. (Grübler, 2012).

Para Moura e Tocantins (2012), o uso e a produção de jornal no Ensino Fundamental e Médio vêm sendo uma das atividades propostas pela maioria dos projetos pedagógicos escolares. Porém, a maioria deles tem seguido apenas a linha instrumental e utilitária sem buscar atender a objetivos que compõem o ensino e aprendizado do aluno que vão contribuir com o estímulo da leitura e da escrita. Nesse liame, os autores ainda buscam demonstrar:

“os benefícios de sua utilização na escola, o jornal se revela benéfico por possibilitar o contato informações contextualizadas, deixando as aulas mais dinâmicas e relevantes para a formação crítica dos alunos”. (Moura & Tocantins, 2012, p. 105).

Por outro lado, Faria (2003), faz uma ponderação em relação aos jornais e revistas, sobre afirmarem que ao levá-los para a sala de aula, o professor poderá “Trazer

o mundo para dentro da escola”. Contudo, deve-se ter a preocupação em usar conteúdos jornalísticos que venham observar a realidade do aluno e o meio em que se encontra inserido, tendo em vista que o maior objetivo de produção textual com textos jornalísticos se encontra no campo educativo e social. Moura e Tocantins (2012, p. 107) ainda complementam que,

Ao produzir um jornal direcionado e cuidadosamente elaborado de forma especial para sua comunidade escolar, o professor estará incentivando esses Alunos – Editores ao hábito da leitura, a utilização da informação no seu dia a dia, a interpretação dos textos apurados e escritos com esses objetivos e, dessa forma, ajudará a ampliar o conhecimento de assuntos de real interesse para a vida dessa faixa estudantil.

Ressalta-se que tanto o jornal, quanto a Revista são meios de comunicação de grande prestígio na sociedade, com isso, com a sua diversidade de gêneros o leitor poderá construir ao longo da sua formação básica na educação, subsídios que poderão contribuir com a sua formação leitora para que possa ao longo de sua vida, debater questões que surgirão de cunho social e econômico no país.

2.2.1 Etapas do uso dos jornais e revistas na sala de aula

Propor uma atividade com jornais e revistas na sala de aula, pode parecer um desafio para o educador, porém ao inseri-los o professor precisará primeiramente, fazer com que a atividade possa ser eficaz e ao mesmo tempo, atrativa, para que possa contribuir com o conhecimento do aluno.

O trabalho com jornais e revistas pode ser dividido em dois momentos: O primeiro poderá ser construído através do campo teórico na qual o professor poderá conduzir a aula em torno do contexto das diferenças entre o jornal e a revista, e como se dá a sua estrutura, o que não é diferente nas revistas. É no que tange a essa estrutura, a figura 11, ilustra bem essa divisão:

Figura 11: Estrutura de um Jornal



Com a análise feita pelos alunos dos aspectos internos e externos do jornal e da revista, faz-se necessário o aprofundamento de alguns aspectos inerentes à construção desses textos jornalísticos, tais como: as manchetes; o lide e os títulos.

As definições que permeiam esses aspectos têm a contribuição de Faria (1992, pp. 25 - 29) quando demonstra que:

A manchete é uma variedade de títulos, só são manchetes os títulos maiores e mais importantes. Já a lide, é a abertura da notícia, reportagem, dentre outros, ela é considerada como um resumo inicial constituído pelos elementos fundamental do relato a ser desenvolvido no texto. E, por último, o título, ele vem contribuir com o que de fato será relatado no texto.

Analizadas as partes que compõem o jornal e a revista, o segundo momento de uma atividade vem propor ao aluno a construção desses gêneros textuais que permeiam o campo jornalístico.

Um texto de gênero jornalístico está estruturado em três tipos de produção textual: a narração, a descrição e a dissertação. Não há outra forma de produção

jornalística sem admirar um desses três tipos textuais. Em um texto jornalístico, seja ele veiculado em um jornal ou uma revista, podemos encontrar entre um ou até dos três tipos textuais em um mesmo texto.

Em busca da compreensão sobre como ensinar o aluno a escrever textos jornalísticos, é preciso propor atividades que venham a fazer notar todos os gêneros, e que sejam implícitas nas atividades propostas. Nessa linha, temos duas sugestões propostas por Faria (1992), conforme tabela 02:

Tabela 02: Roteiro para trabalhar com jornal e Revista em Sala de Aula

	ROTEIRO A SER SEGUIDO
1) As que partem de assuntos recolhidos em jornais, revistas.	<ul style="list-style-type: none">• Decidir, segundo o interesse da classe, sobre o assunto a ser trabalhado.• Dividir a classe em equipes de trabalho, sem, entretanto, proibir o trabalho individual.• Discutir com a classe a forma• a de levantar os dados sobre o assunto escolhido.• Levantar os dados através de pesquisa em periódico, livros, enciclopédias, pesquisas de campo, como entrevistas, enquetes, reportagens, fotos, levantamento na televisão e rádio, etc.• Avaliar e selecionar os dados obtidos.• Organizar os dados obtidos já tendo em vista o texto final.• Redigir o texto final, através de apresentação oral ou escrita individual, por equipes ou coletiva.• Preparar a apresentação final, através da diagramação do trabalho, segundo a forma a ser apresentada: jornal, painel, mural etc.
2) As que levam o aluno a preparar textos a partir de dados levantados por ele mesmo, em contacto com a comunidade, seja em assuntos de âmbito geral, seja de âmbito restrito.	

Fonte: Adaptação feita a partir de Faria (1992, p.53)

Ambas as sugestões vão ao final, desenvolver a capacidade do aluno em informar, procurar informação, saber organizá-las, apresentá-las, saber relacionar com os diversos tipos textuais e por fim, saber compreender a relação do texto jornalístico com o meio em que se vive.

2.3 A linguagem jornalística e o conteúdo de informação

Na linguagem jornalística é possível encontrar diversas formas de linguagem que venha observar o público alvo. A linguagem sempre será objetiva e clara. Quando se aprende os gêneros jornalísticos, a primeira coisa a ser observada é como escrever e transmitir determinada mensagem de acordo com o local no qual a informação será veiculada seja ela em revistas ou jornais (Santos & Cavignato, 2103).

A linguagem jornalística permite que possamos fazer com que o nosso idioma permaneça de forma viva, recriando um mundo conforme o ponto de vista de quem escreve. O jornal possui uma estrutura que abre questionamentos em relação ao conteúdo e sua compreensão. Ele é considerado como um recurso importante no processo de ensino aprendizagem que contribui com a interdisciplinaridade, tendo em vista que todas as matérias nele veiculadas, constituem-se uma fonte rica de informações que permeiam o campo dos conteúdos didáticos propostos pela escola. Assim,

O jornal na escola possibilita a realização de atos comunicativos, viabilizando esse aluno, o contato direto com os diversos gêneros textuais, e ao mesmo tempo, incorporando a relação produtor – leitor de textos, além de proporcionar um trabalho interdisciplinar, já que na elaboração do roteiro poderá ser distribuídas editoriais de outras áreas, além da Língua Portuguesa, usa-se um caderno sobre educação e preservação do meio ambiente mesclando conhecimentos de Biologia e Geografia, a Contação de histórias sobre as criações das cidades brasileiras, é um interessante tema para aulas de História e assim por diante (Moura & Tocantins, 2015, p.105)

Portanto, é possível compreendermos que o jornal pode contribuir com o enriquecimento do aprendizado em sala de aula, provocando e aguçando o senso crítico

do aluno, ampliando infinitamente o conteúdo a ser apreendido pelo aluno na sala de aula.

A construção das matérias dentro do jornalismo nunca poderá ser expressa da forma como o jornalista quer. É sempre importante deixar o seu estilo de escrita de lado, e buscar produzir um texto que possa contemplar o público a que se destina (Santos & Cavignato, 2103).

O texto jornalístico muitas vezes utiliza expressões literárias e ou metáforas. Utilizando esses recursos estilísticos, o narrador passa a descrever melhor a cena da matéria, os personagens e o enredo da história de forma a trazer ao leitor uma proximidade na escrita o que proporcionaria uma maior compreensão do contexto da escrita.

Segundo Santos e Cavignato (2103), unir a literatura ao jornalismo sempre foi bem visto pelos escritores, inclusive aqueles que são considerados escritores universais, como Machado de Assis. Muitos escritores utilizavam também a linguagem jornalística com o intuito de atrair os seus leitores a um mundo que comungasse com o seu contexto social.

A linguagem jornalística oferece ao educando uma base que contemple a sua realidade social e cultural, que segundo Faria (1992, p.11), tem como objetivo:

“alcançar um largo público e lhe fornecer informações objetivas em escala industrial, o código linguístico deve ser estrito, reduzindo-se o número de itens léxicos e de regras operacionais, não só para facilitar o trabalho da redação como para permitir o controle de qualidade.”

E é nesse campo que o conteúdo a ser veiculado nos jornais e revistas tem de atender não somente o controle de qualidade, mas também a diversidade dos gêneros para que possa contribuir com conhecimento do aluno. Contudo, pressupõe-se que esse aluno possua também um conhecimento sobre as mídias e principalmente as mídias sociais, na qual ele se encontra inserido. Para Accorsi e Teruya (2012), é imprescindível que ocorra a leitura crítica da mídia para que seu uso não seja sintetizado ao

entretenimento e à leitura superficial em que se adquirem conceitos e princípios sem questionamento. Os autores ainda sublinham que,

Um campo que tem se preocupado com a criticidade na recepção do conteúdo dos meios de comunicação é chamado de mídia-educação, cuja concepção trata da mídia como uma “escola paralela”. Maria Luiza Belloni e Evelyne Bévort explicam que os termos como “mídia-educação” ou “educação para as mídias” surgiram na década de 60, com organismos internacionais como a UNESCO e alertam que educação e mídia podem caminhar juntas. (Accorsi & Teruya ,2012, p.5).

Esse discurso midiático é defendido por muitos especialistas, inclusive por Kleiman e Cavalcanti (2007) que acreditam que a escola deve trabalhar com os diversos discursos midiáticos para que possa proporcionar aos alunos o acesso aos diferentes gêneros textuais e que consigam compreender e aplicar as diversas formas de discursos.

Assim, o jornal veio contribuir com a sociedade à medida que pode fornecer educação, cultura e informação durante anos, pela permanência e sobrevivências das páginas impressas de jornais e revistas. Moura e Tocantins, (2015, p. 106) referem que:

A maioria dos projetos pedagógicos que envolvem o uso ou produção de jornal no ensino fundamental e médio tem seguido uma razão instrumental-utilitária. O jornal é um meio para consecução de objetos definidos, seja ela a alfabetização, o estímulo a leitura e a escrita ou até mesmo o acesso a informações variadas.

2.4 A formação da criticidade do aluno, utilizando o texto impresso

O planejamento escolar contemplando a utilização dos jornais na sala de aula com o intuito de refletir sobre a importância do jornal tem contribuído cada vez mais na construção de um mundo mais crítico e atualizado. Além de o jornal garantir ao aluno uma formação mais crítica, ele contribui com a formação intelectual e cognitiva. Deste modo,

O jornal seria um mecanismo capaz de colaborar com o desenvolvimento intelectual dos estudantes, seria, também, um instrumento de leitura dos fatos da realidade, mas não o retrato dela. Para formar cidadãos por meio do acesso ao jornal, é preciso formar leitores experientes e

com criticidade, que conheçam os problemas sociais que acometem seus contextos e possam agir sobre eles. (Acoorsi & Teruya, 2012, p.3)

O prestígio social que o jornal possui com a comunicação e o meio em que se encontra veiculado contribui para a diversidade de seus textos, apresentando seus diversos gêneros discursivos que vêm contribuir com a formação leitora do educando, fazendo com que eles possam constantemente colocar em debates assuntos que permeiam o campo social, ético e econômico da sua comunidade e de seu país.

Aos poucos, o jornal deixa de ser “coisa de adulto” e passa a ser foco de reflexão dos assuntos sociais. Na escola, os/as professores/as podem determinar um dia da semana para o trabalho com o jornal ou utilizá-lo junto com o livro didático na rotina escolar. Faria expõe a “pedagogia da informação” como didática para situar os/as alunos/as diante do excesso de informação (Acoorsi & Teruya, 2012, p.3).

Diante o exposto, percebemos que o jornal oferece ao aluno uma reflexão acerca dos diversos temas que estão associados ao contexto social desenvolvendo, a cada momento, a capacidade leitora e escrita dos educandos.

Faria (1992), vem postular que a leitura crítica que os jornais proporcionam aos alunos fornecem a eles elementos eficazes para que se tornem leitores críticos em relação ao meio em que estão inseridos. A autora ainda complementa quando refere que,

“não existe jornais neutros, nem tampouco informações puras, uma vez que a verdade dos jornais é sempre uma verdade relativa, porque é permeada pela ideologia ou pelos interesses específicos” (Faria, 1992, p.13).

A leitura de jornais e revistas em sala de aula, principalmente quando contemplam as disciplinas de Língua Portuguesa e Redação, enriquece a capacidade de entendimento dos alunos acerca do mundo em que se encontram inseridos. A leitura proporciona aos educandos uma ampliação do seu vocabulário e uma compreensão melhor dos diversos tipos de textos que poderão ser lidos ao longo da vida.

Tanto o Jornal quanto a Revista são ferramentas pedagógicas que visam buscar transmitir uma visão mais contemporânea dos factos, fazendo com que o leitor sinta-se a todo o momento atualizado aos textos lidos, principalmente aqueles em que, ao transmitirem a sua opinião, poderão contribuir com a formação crítica dos leitores.

A sociedade como um todo quer e busca ler aquilo que envolve seu interesse. E uma boa notícia, um bom texto ou uma propaganda bem elaborada, sejam elas veiculados em jornais ou revistas, proporcionam aos leitores uma realidade em que eles se encontram constantemente incluídos. Segundo Hamse (2017, p.1)

“O jornal espelha o jogo de interesses da sociedade e o estudante pode compreender em que sociedade está vivendo e convivendo”. A autora ainda complementa dizendo que “o jornal é um extraordinário material pedagógico porque traz para a sala de aula a sociedade e suas necessidades reais”.

Contudo, vale ressaltar que o docente precisa também proporcionar ao aluno uma interação maior entre ele e a realidade na qual se encontra inserido. Assim, Hamse (2017, p. 1) diz que,

O jornal reflete os valores, a ética, a cidadania, através dos mais variados temas e se torna assim um aparelho importante para o educando se colocar e se inserir na vida social, por meio dessa ferramenta de comunicação. O uso do jornal na escola atende a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pois as matérias tratadas servem de base para o desenvolvimento dos temas transversais, trabalhando-se, por exemplo, a questão da ética e da cidadania nos enfoques e tendências, que dão aos fatos e notícias. Ensina-se através do jornal, a leitura, a interpretação dos assuntos tratados sob um prisma reflexivo e crítico, propiciando aos alunos a oportunidade de se inserir no mundo através de uma janela de papel.

Diante o exposto, é possível compreendermos a escola como um ambiente de transposição de desafios pedagógicos, o que evidencia o seu dinamismo e seu preparo para proporcionar ao aluno uma compreensão muito maior sobre o mundo em que se encontra inserido.

PARTE II – PESQUISA EMPÍRICA

CAPÍTULO III: METODOLOGIA – MODOS DE PESQUISA

3.1. Justificativa da Investigação

A justificativa de uma investigação se dá muito pela exposição das razões nas quais o investigador propõe uma pesquisa. Segundo Lakatos e Marconi (2016, p.202),

“o único item do projeto que apresenta respostas à questão *por quê?* (...) consiste numa exposição sucinta, porém completa, das razões de ordem teórica e dos motivos de ordem prática que tornam importante a realização da pesquisa.”

Nesse sentido, a presente dissertação: A Possibilidade do Desenvolvimento de Habilidades na Disciplina de Redação a partir da utilização das Informações de Jornais e Revistas visa identificar quais são as possibilidades de o aluno adquirir habilidades, utilizando informações de jornais e revistas na disciplina de Redação, e como esse aluno poderá com esses conhecimentos, utilizar essas habilidades em sua vida.

Esse tema se faz importante porque demonstrará o quanto as informações referentes ao uso de jornais e revistas poderão contribuir com a formação humana do aluno. Buscou-se também analisar a prática pedagógica do uso da linguagem jornalística e da diversidade dos temas abordados na disciplina de Redação e a descrição sobre a importância do uso de informações dos jornais e revistas para que as aulas de Redação se tornem um ambiente privilegiado de participação coletiva.

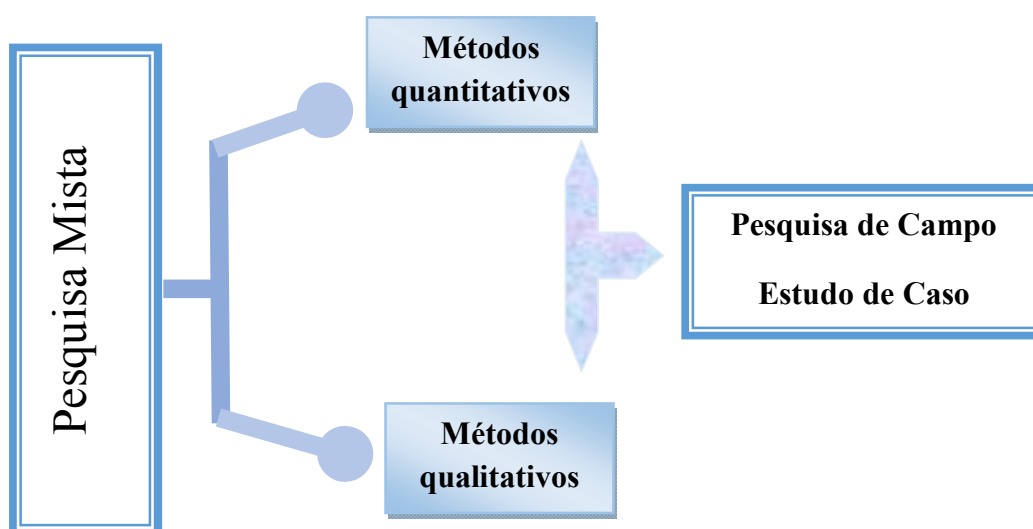
O tema é atual por se tratar de uma ferramenta muito importante para o ensino-aprendizagem que dialoga tanto com a parte impressa, quanto com a parte teórica. É uma pesquisa possível por ser realizada apenas em uma instituição de ensino que possui uma quantidade significativa de professores (as) de Língua Portuguesa.

Desse modo, a relevância do estudo se encontra no aprofundamento dos diversos tipos de textos jornalísticos que visarão promover o conhecimento e a habilidade do aluno, além de oferecer também uma gama de oportunidades de ser mantido sempre informado.

Considera-se que o resultado dessa investigação poderá possibilitar aos professores de Língua Portuguesa e áreas afins um momento de formação continuada e de reflexão sobre a utilização de diversos tipos de textos, como complementação pedagógica no campo do ensino-aprendizagem do aluno.

3.2. Desenho Metodológico

Figura 12: Esquema do desenho metodológico



Fonte: autora, 2018.

Em face desse desenho metodológico, faz-se necessário conceituar a pesquisa mista que segundo Sampieri; Fernández e Lúcio (2013, p.550),

“os métodos mistos representam um conjunto de processos sistemáticos e críticos de pesquisa e implicam a coleta e análise de dados quantitativos e qualitativos, assim como sua integração e discussão conjunta.”

Para Creswell (2007,p.16)

A pesquisa de métodos mistos é uma abordagem da investigação que combina ou associa as formas quantitativas e qualitativas. Envolve suposições filosóficas, o uso de abordagens

qualitativas e quantitativas e a mistura das duas abordagens em um estudo. Por isso, é mais do que uma simples coleta e análise dos dois tipos de dados; envolve também o uso de duas abordagens em conjuntos, de modo que a força geral de um seja maior do que cada isoladamente.

Para Charoux (2006, p.25), o método é “planejar o trabalho de pesquisa definindo os passos necessários para a busca e o registro de informações”. Já para Prodanov e Freitas (2013, p. 14), a metodologia é ,

“a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade”.

Assim, pode-se compreender que os dois termos (método e metodologia) sempre estarão intrinsecamente interligados a uma única linha de raciocínio, que é a busca organizada para determinado conhecimento e/ou objetivo.

Contudo, neste capítulo será exposta a construção metodológica da dissertação, que tem como investigação científica “A possibilidade do desenvolvimento de habilidades na disciplina de redação a partir da utilização das informações de jornais e revistas.”

Para esse fim, será exposto o problema da pesquisa, os objetivos e a metodologia aplicada.

3.3 Objetivos

3.3.1 Objetivo geral:

Identificar quais são as possibilidades de o aluno adquirir habilidades, utilizando informações de jornais e revistas na disciplina de Redação.

3.3.2 Objetivos específicos:

- Analisar a prática pedagógica do uso da linguagem jornalística e da diversidade dos temas abordados na disciplina de Redação.
- Identificar se os professores foram preparados para trabalhar com textos jornalísticos na sala de aula
- Descrever a importância do uso de informações dos jornais e revistas, para que as aulas de Redação se tornem um ambiente privilegiado de participação coletiva.

3.4. Contexto Espacial e Sócio - Econômico da Pesquisa

O uso de materiais jornalísticos que possam contribuir com a formação crítica dos alunos tem sido o nosso objeto de investigação, que terá como contexto espacial o Colégio Sistema Elite de Ensino, localizado na cidade de Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro, no Brasil.

A instituição escolhida possui 25 unidades no estado do Rio de Janeiro, atendendo alunos da educação infantil até o Ensino Médio preparatório. O Colégio escolhido para a investigação está situado em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro. A referida escola atende alunos do Ensino Fundamental ao Ensino Médio Militar e preparatório para o ENEM.

O Sistema Elite de Ensino do Rio de Janeiro surgiu em 1999 com a missão de ser a melhor solução em educação para todos com aspirações extraordinárias e com o objetivo de transformar vidas. A instituição busca desenvolver nos alunos as diversas competências, habilidades, caráter e espírito de liderança, qualidades exigidas pelo mercado de trabalho brasileiro. Para alcançar esses objetivos, a escola divide a metodologia de ensino em três pontos que consideram ser fundamentais, que são eles: a atenção individualizada do aluno, a valorização do esforço e o ritmo de estudo.

O Colégio Elite possui seis grandes projetos, o Cine Marco Antônio, Elite pelo Mundo, Feira de Ciências, Palco Elite, Projeto ENEM, Vernissage Sistema de Ensino.

O cine Marco Antônio proporciona aos jovens a curiosidade, elemento imprescindível na busca do conhecimento. Os cineastas utilizam filmes que contemplam as disciplinas de filosofia, geografia e sociologia. O colégio acredita que o material utilizado no cinema auxilia no entendimento e no processo de criação de cada aluno, desenvolvendo o senso crítico específico, com características próprias.

O Projeto Elite pelo Mundo visa contribuir com o aumento de alunos estudando nas melhores universidades do mundo. O colégio busca conscientizar a todos a respeito do funcionamento do processo holístico de admissões e fornece a devida preparação e acompanhamento aos alunos mais competitivos, tanto academicamente, quanto no âmbito dos esportes, tendo sempre como foco o preparo dos alunos que pleiteiam uma vaga em uma universidade do exterior.

O Projeto de Feira de Ciências traz aos alunos do colégio um evento cultural que possa agregar tanto a leitura de bons livros quanto a forma em que o mundo se constitui através das experiências, levando o aluno a colocar em prática seus conhecimentos adquiridos ao longo dos anos. Com isso, ele promove em todas as suas unidades uma feira de ciências ao longo do ano.

Já o projeto Palco Elite busca mostrar aos alunos que arte cênica desenvolvida na escola é uma coisa séria. No palco são encenadas adaptações de grandes clássicos da literatura mundial e brasileira, que vem desenvolvendo tanto o lado pedagógico quanto o lado do enriquecimento cultural.

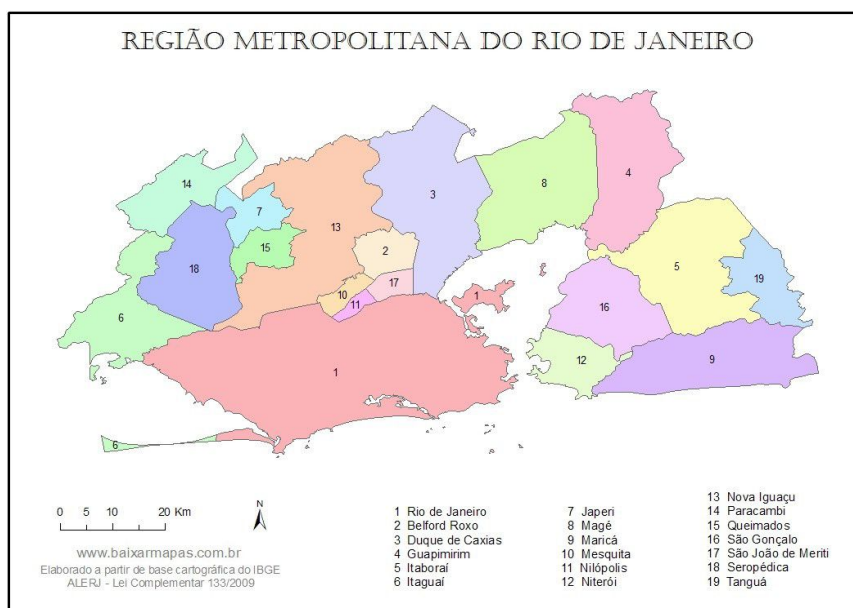
O Projeto ENEM tem como objetivo preparar os alunos que buscam uma vaga em uma universidade pública.

E por último, o projeto Vernissage Elite é uma amostra artística, com releituras de obras consagradas. Essa atividade é proposta para os alunos do fundamental, em que

são incumbidos de pesquisar uma determinada época do passado, com o intuito de proporcionar a eles um contato mais íntimo com a cultura.

A unidade que compõe o cenário da investigação fica na cidade de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, conforme ilustra a figura 13:

Figura 13: Localização geográfica da cidade



Fonte: IBGE, (2016).

Segundo o IBGE, a cidade de Nova Iguaçu surgiu em 1939, e atualmente possui 796.257 habitantes, com uma área de 517,995 Km². Está localizada na zona tropical do país, e o seu índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), segundo censo IBGE de 2010 é de 0,713, sendo considerado elevação em relação ao país. O município é o 41º melhor IDHM do estado do Rio de Janeiro.

Sendo considerada por muitos como uma cidade dormitório, o seu perfil socioeconômico tem mudado nos últimos anos, com o surgimento de grandes empresas do ramo de alimentos, siderúrgica e beleza. No que tange à educação, a população residente que frequentava as escolas em 2010, o número de escolas por nível na cidade e os docentes, em relação ao estado do Rio de Janeiro e do Brasil, pode ser visualizado na figura 14,

Figura 14: Valores de Censo Educacional em 2015

Matrículas por nível			
Variável	Nova Iguaçu	Rio de Janeiro	Brasil
Pré-escolar	14.609	3.539,53	49.165,25
Fundamental	113.902	20.643,16	278.253,38
Médio	33.878	5.830,51	80.748,81

Números de escolas por nível			
Variável	Nova Iguaçu	Rio de Janeiro	Brasil
Pré-escolar	275	63,83	1.050,40
Fundamental	388	77,05	1.340,77
Médio	123	22,28	279,93

Docentes por nível			
Variável	Nova Iguaçu	Rio de Janeiro	Brasil
Pré-escolar	3.018	238,96	3.079,06
Fundamental	6.221	1.209,13	15.495,21
Médio	805	518,89	5.697,34

Fonte: (1) Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP - Censo Educacional (2015). NOTA: Atribui-se zeros aos valores dos municípios onde não há ocorrência da variável.

A instituição atende atualmente 1000 alunos. O quadro de funcionários da escola é formado por 70 professores efetivos e não possui professores estagiários. O quadro da gestão administrativa é formado por 01 diretor, 03 coordenadores e 3 auxiliares de coordenação. E possui espaços bem arejados e estruturados, como se vê na figura 17.

Figura 17: Fotos das salas de aula

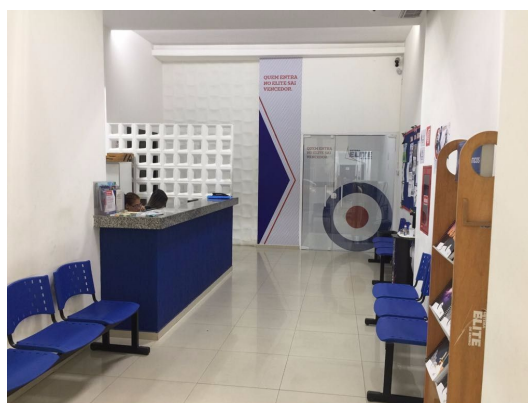


No que se refere ao espaço físico, ela possui: 7 andares, com 28 salas de aulas amplas. Tem 01 laboratório de informática, corredores, 01 sala de direção, 01 secretária, Salas para as coordenadoras e 20 banheiros com sanitários e banho, 01 cozinha, 01 depósito, incluindo com o dos professores. Sua fachada é composta por uma arquitetura moderna, como exposto pela figura 18 e 19:

Figura 18: Fotos espaços da escola



Figura 19: Fotos das secretaria



Sendo assim, ela possui a missão de promover um ensino de qualidade para o desenvolvimento integral das crianças, respeitando suas singularidades, independente de sexo, etnia, cor, situação socioeconômica, credo religioso e ideologia política. Incluindo, acolhendo e respeitando a fim de garantir na prática o cuidar e o educar, complementando a ação da família e da comunidade.

3.6. Participantes no estudo

Buscando atender aos critérios expostos anteriormente dentro dos objetivos da investigação, temos como participantes 05 professores de Língua Portuguesa, conforme quadro 02. Inicialmente contava-se com 12 professores de Língua Portuguesa, contudo, 5 se recusaram a participar e 2 não entregaram o questionário respondido.

Quadro 02: Participantes

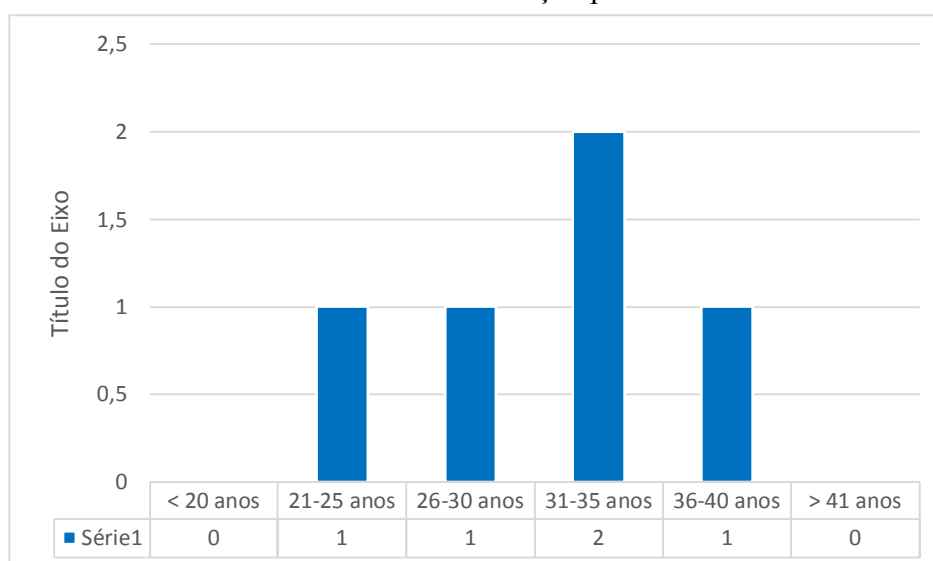
População participante	Quantidade
Professores	5

Fonte: autora, (2018).

Contudo, a coleta dos dados foi realizada no ano de 2017, no segundo semestre, nos meses de outubro e novembro, cujo tempo foi adequado para a aplicação e tabulação dos resultados. Todos aqueles que participaram foram convidados a conhecerem os objetivos da investigação e o termo de Consentimento Livre Esclarecido, que garantiria o anonimato e resguardando-os quanto aos dados referentes a participação.

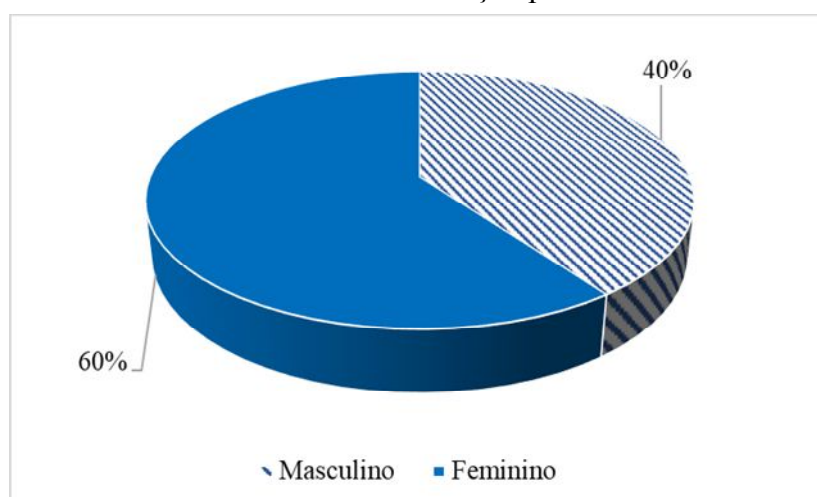
Em relação à idade dos participantes, gráfico 1, podemos conferir que:

Gráfico 01: Caracterização por Idade



Em relação a idade, cerca de 1 professor possui entre 21-25 anos, 1 entre 26-30 anos, 2 professores estão entre 31-35 anos e 1 possui entre 36-40 anos. No que diz respeito ao sexo dos participantes. Em respeito a caracterização por gênero, o gráfico 2 vem demonstrar que:

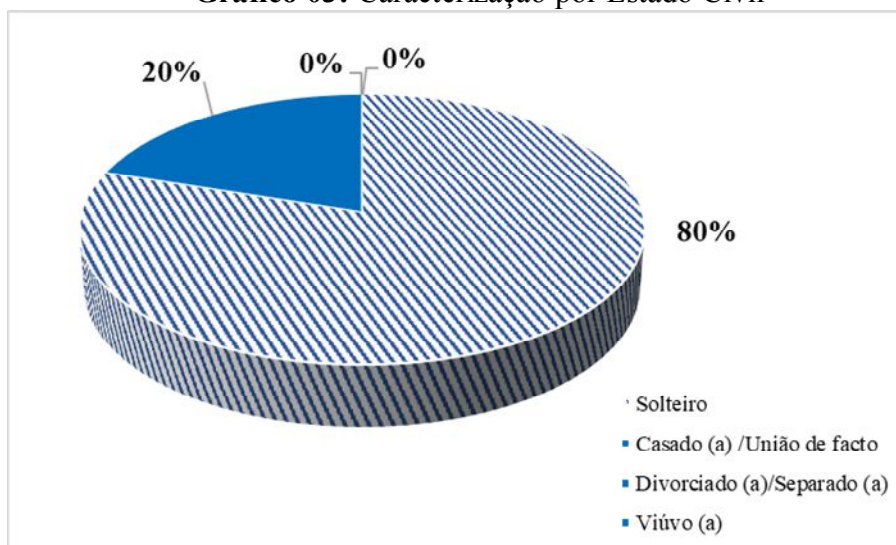
Gráfico 02: Caracterização por Gênero



Em relação ao gênero dos participantes, cerca de 40% (2) são do sexo masculino, enquanto 60% (3) são do sexo feminino. Em relação a profissão deles, todos são professores.

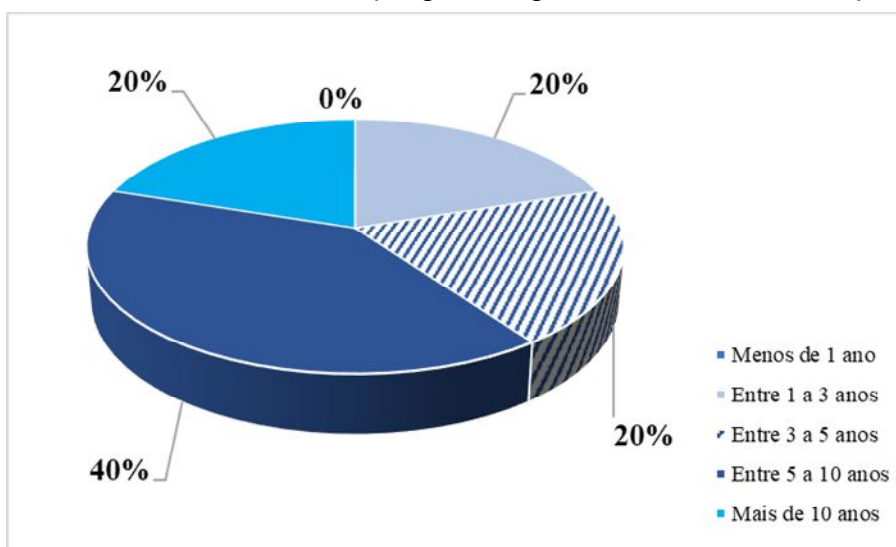
No que tange ao estado civil dos inquiridos, gráfico 3,

Gráfico 03: Caracterização por Estado Civil



Cerca de 80% (4) são solteiros (as) e 20% (1) se encontra casado (a)/ união de facto. No gráfico 4, pode observa-se o tempo na profissão.

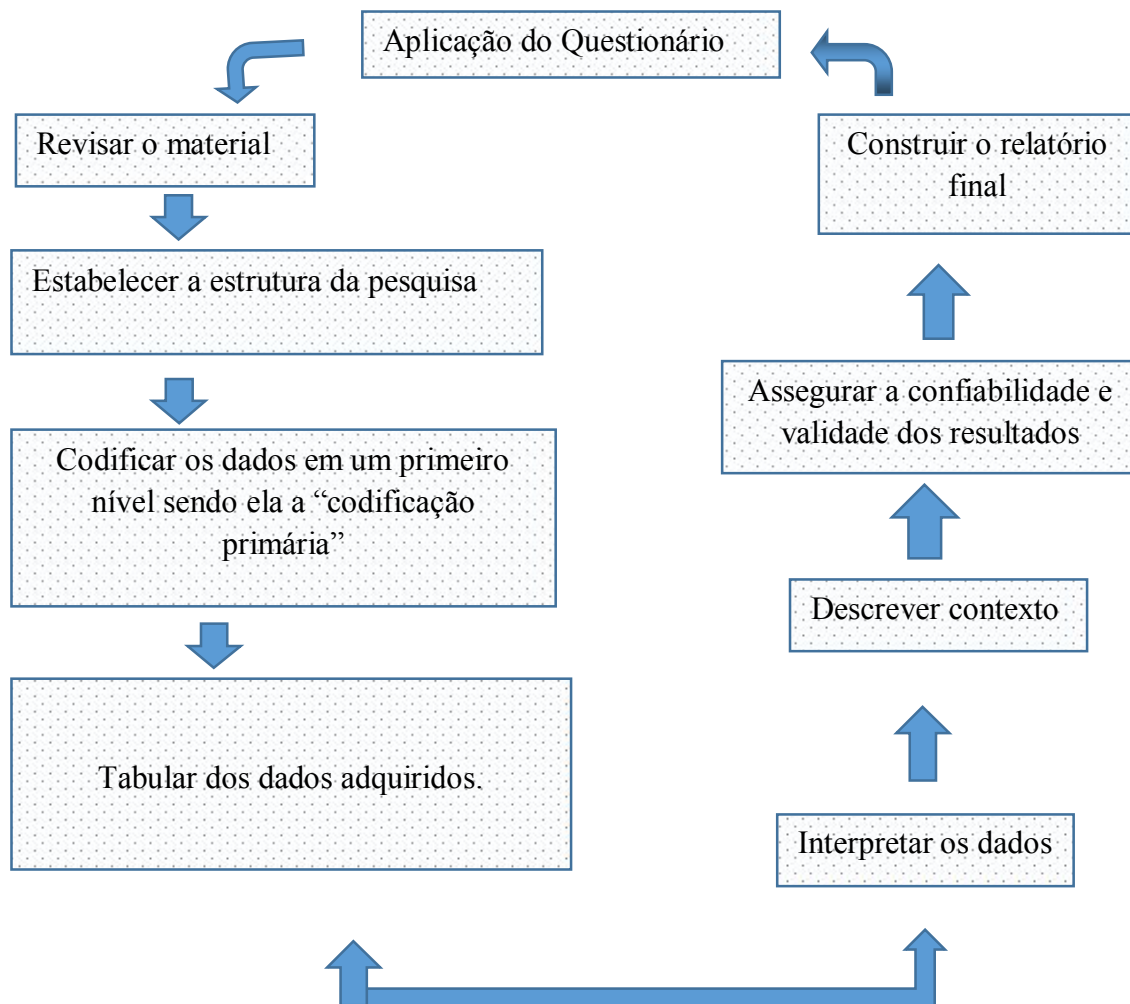
Gráfico 04: Caracterização por Tempo de Trabalho na Educação



No que diz respeito ao tempo de profissão, percebe-se que cerca de 1 professor 20% tem entre 1 a 3 anos, já 20% (1) professor, se encontra entre 3 a 5 anos, 2 professores (40%) possuem entre 5 a 10 anos e por último 1 professor (20%), possui mais de 10 anos de profissão.

3.7. Técnicas de Análise e Interpretação dos Dados

Figura 20: Esquema da análise e interpretação dos dados



Fonte: autora, (2018).

A fim de analisar e interpretar os dados da pesquisa, os mesmos serão manipulados e organizados de forma coerente e sequencial. Segundo Gil (2008, p. 175):

a análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo, a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Mediante o exposto, pode-se concluir que a interpretação e análise expõe o real significado do material coletado em relação aos temas e os seus objetivos propostos.

No que tange aos instrumentos, a investigação utilizou como recolha de dados um guião de perguntas objetivas que foi possível contribuir com a análise dos objetivos propostos.

Para compor a coleta de dados, foram anteriormente feitos o check list da pesquisa (anexo 01) e após, a investigação contou com os instrumentos da solicitação para a investigação (anexo 02), o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (anexo 03) e o guião de perguntas para o questionário (anexo 04).

Os instrumentos que fizeram parte da investigação tiveram como ponto de partida o Estudo de Caso que buscou compreender o desenvolvimento de habilidades e competências dos alunos na disciplina de Redação. A aplicação dos questionários ocorreu entre os meses de outubro e novembro de 2017 e os seus dados foram tratados e tabulados pelo Excel.

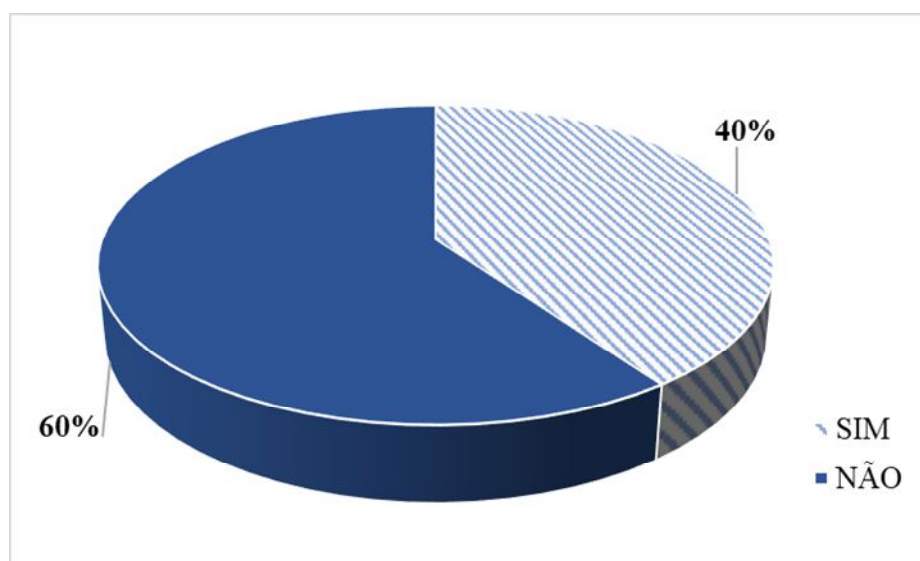
CAPÍTULO IV: ANÁLISE E DISCUSSÃO INTEGRADA DE DADOS

4.1 Resultados

Os gêneros textuais têm grande importância tanto no ensino da língua quanto no desenvolvimento da competência comunicativa do aluno. E, se tratando dos gêneros jornalísticos, esses por natureza podem contribuir com a formação e as competências e habilidades que os alunos necessitam apreender para lidar com o seu cotidiano.

Nesse sentido, faz-se necessário analisarmos a pesquisa a partir dos objetivos propostos na investigação. Para responder ao primeiro objetivo: *Analisar a prática pedagógica do uso da linguagem jornalística e da diversidade dos temas abordados na disciplina de Redação*. Foi colocada a questão : *Você utiliza jornais e revistas na sala de aula?* A esse questionamento, o gráfico 5 vem demonstrar que:

Gráfico 05: O uso de Jornais e Revistas na Sala de aula



Dos respondentes, cerca de 60% (3), responderam que não utilizam jornais e revistas em suas aulas, e 40% (2), utilizam esses materiais como ferramenta de ensino-aprendizagem. A importância do uso de tais matérias em sala de aula é também referenciado por vários autores dos quais se destaca Anhussi, (2009, p. 32), quando sublinha que,

Cabe aos professores formar seus alunos para o uso crítico e ativo dos meios de comunicação, pois eles são constantemente bombardeados com inúmeras informações oriundas das mídias. As informações jornalísticas em sala de aula podem contemplar o desenvolvimento acadêmico pela informação e tem como foco originar uma leitura crítica, assim como, esclarecer ao educando a realidade dos problemas sociais e, ao mesmo tempo, propiciar o desenvolvimento do raciocínio, o aumento da capacidade de questionamentos e abrangência do conteúdo escolar e cultural.

Embora na investigação a maior parte dos professores não utilizam em suas aulas o jornal e a revista, pode-se perceber que segundo Anhussi (2009), o uso das informações jornalísticas contribuem e muito com a formação crítica do aluno. Vale ressaltar também que,

A qualidade de ensino não deve estar atrelada simplesmente aos recursos utilizados pelo professor, mas sabe-se, que os recursos são ferramentas que ajudam o professor a ensinar melhor, isso, consiste em um desafio, tornar sua prática mais dinâmica no sentido de conduzir eficazmente seu aluno à aprendizagem (Policarpo & Steinle, 2017, p.3)

E é nesse pressuposto que se pode inferir que o uso dos textos jornalísticos poderão contribuir para uma aula mais dinâmica e mais prática, para que os alunos sintam-se interessados, proporcionando a eles uma formação de qualidade.

Diante do que foi respondido, os que disseram SIM, ainda complementaram segundo a tabela 3:

Tabela 03: Quantidade de vezes que utilizam Jornais e Revistas na sala de aula

INICIAIS	RESPOSTAS
I.P.X.Z.	Duas ou três vezes ao mês.
M.B	Duas ou três vezes ao mês

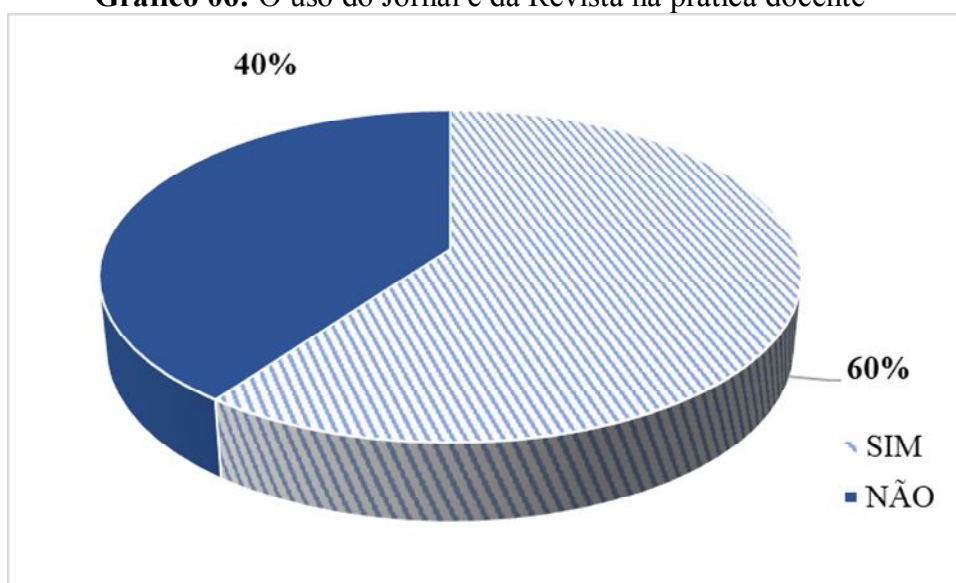
Pode-se perceber nas respostas daqueles que utilizam esses gêneros em sua aula que há uma recorrência significativa de aulas preparadas que venham a contemplar o uso de jornais e revistas. Tendo em conta os nossos resultados pode-se salientar também o estudo de Castro (2017, p. 2), quando justifica que,

A busca da integração da escola, no mundo da comunicação, é uma tarefa desafiadora, porque vivemos no mundo globalizado, onde novos meios de comunicação se destacam, possuindo acesso rápido às informações. Ao contrário de descartar ou abswtter-se a esses avanços tecnológicos é possível fazer uma aliança entre escola e mídia impressa jornal.

Pode-se assim interpretar a importância que o autor demonstra quando nos refere que integrar a escola a mídia, e principalmente o gênero jornalístico, pode ser uma tarefa desafiadora, contudo, o seu uso recorrente pode proporcionar aos alunos uma formação mais crítica preparando-os para o mercado de trabalho.

Relativamente à Questão- *O uso do Jornal e da Revista contribui para a sua prática docente?* No Gráfico 6, pode ler-se que:

Gráfico 06: O uso do Jornal e da Revista na prática docente



Sobre a contribuição do Jornal e Revistas no cotidiano do professor, percebe-se que 60% (3) professores (as) disseram que sim, os jornais contribuem com a sua prática docente, e 40% (2) não perceberam nenhuma contribuição por parte desses gêneros. Assim, e tendo por base os nossos resultados os estudos de Policarpo e Steinle, (2007) , também concluíram que tanto os jornais quanto as revistas podem contribuir com a prática docente, facilitando tanto assim a compreensão dos conteúdos e a aproximação dos alunos.

Quando a sociedade passa a requerer um profissional da educação capaz de repensar sua prática, disposto a participar permanentemente de capacitação a fim de se instrumentalizar e seguramente fazer uso dos recursos disponíveis para melhorar sua prática e atender às expectativas dos alunos. (Policarpo; Steinle, 2017, p.6)

Ainda nessa linha, de interpretação de resultados pode concluir-se o mesmo que Puntel e Hoezel (2017, p. 5), quando nos dizem que,

O jornal impresso em sala de aula ainda é uma proposta metodológica que se apresenta como um recurso de grande adesão e interesse dos alunos. Isso tudo, mesmo frente a tantas outras mídias, que podem ser superficialmente consideradas como mais atrativas. Talvez pelo fato do registro físico do jornal impresso – apesar das versões digitais – ser algo formalizado, que pode ser levado junto e mostrado aos demais sujeitos, o jornal tem boa circulação entre os grupos sociais e escolares.

Diante o exposto pelos autores, o gênero jornalístico ainda se faz presente e como uma proposta metodológica importante para os alunos, embora foi possível perceber que 40% (2) dos professores não veem importância na utilização desses textos confirmando a sua importância no cenário de ensino-aprendizagem.

Em relação àqueles professores (indicados pelas iniciais) que afirmaram que houve essa contribuição, ainda se pode verificar que essa veio para garantir o sucesso do ensino-aprendizagem, como pode ser verificado na tabela 4:

Tabela 04: Como contribui

INICIAIS	RESPOSTAS
C.D.C.L	Trazer a realidade para sala de aula é garantir formatividade no processo.
I.P.X.Z.	Identificar criticamente características linguísticas e discursivas em texto de imprensa auxilia no trabalho prático em sala porque permite contextualizar as ferramentas da linguagem em sua produção e uso reais em situações concretas
M.B	Com o uso de jornais e revistas o professor tem várias vertentes e assuntos a serem discutidos, contribuindo assim para o aprendizado, levando o aluno a compreender melhor o que lhe for solicitado.

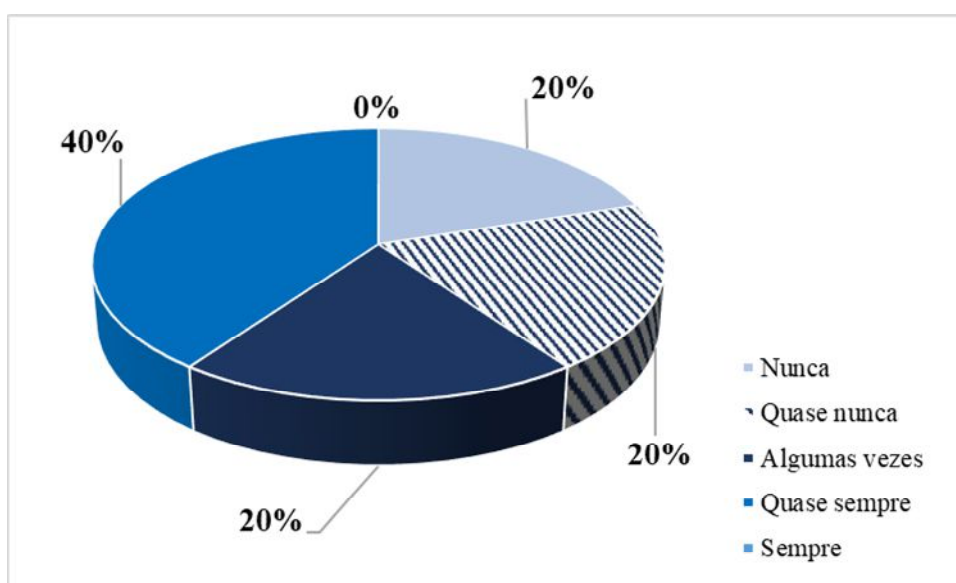
Ao verificar as falas dos professores (as) fica evidenciado que o uso de jornais e revistas em sala de aula pode contribuir com o aprendizado que segundo M.B “levando o aluno a compreender melhor o que for solicitado. Tendo em conta os nossos resultados podemos subscrever o que nos referem Policarpo e Steinle, (2017, p.4) quando sublinham,

Queremos uma sociedade formada por cidadãos críticos e autônomos, sendo assim a proposta de a escola apresentar uma nova forma e trabalhar buscando meios mais interessantes, que levem o aluno realmente à reflexão e participação. No entanto, é necessário reconhecer que não basta apenas inserir os recursos, acima de tudo é preciso usar de estratégias metodologicamente específicas, para a boa condução das atividades acadêmicas, ou seja, a utilização adequada e a intencionalidade planejada com que é selecionado este ou àquele recurso é que garantirão a qualitativa do processo ensino-aprendizagem.

Como foi bem postulado por Policarpo e Steinle (2017), para formarmos cidadãos críticos, quanto mais recursos pedagógicos oferecidos a eles no processo da educação básica, melhor será a sua formação quanto sujeito crítico.

Já na questão: *Há planejamento para a utilização de textos jornalísticos nas aulas de Produção de Texto?* É possível evidenciarmos no gráfico 07, que temos respostas desde ao não-planejamento das aulas com o uso de texto jornalísticos, até o uso contínuo desses textos.

Gráfico 07: Planejamento para o uso do Jornal e da Revista na Produção de Texto



Sobre a existência de um planejamento para a utilização de textos jornalísticos nas aulas de Produção de Texto, percebe-se que 20% (1) professor diz que nunca planejou, 20% (1) relatou que quase nunca utiliza textos jornalísticos nas suas aulas de produção de texto, 20% (1) professor relatou que algumas vezes utilizou como proposta de redação e para 2 (40%) quase sempre utilizam os textos jornalísticos como material de apoio e proposta de Produção Textual. Assim, e nesta sequência de resultados citamos o estudo de Almeida, et al. (2017, p. 208) que vêm demonstrar que o uso de meios jornalísticos vem

proporcionar ao público leitor/expectador a interação com os fatos decorrentes da sociedade; e se trouxermos estes gêneros para a prática na sala de aula estaremos proporcionando ao alunado a oportunidade de reconhecer o uso e a função da língua dentro desses gêneros, além de aprender e refletir sobre o uso da linguagem em vários ambientes, ou seja, além de saber utilizar a língua na escola, o aluno conseguirá interagir em outros ambientes sociais.

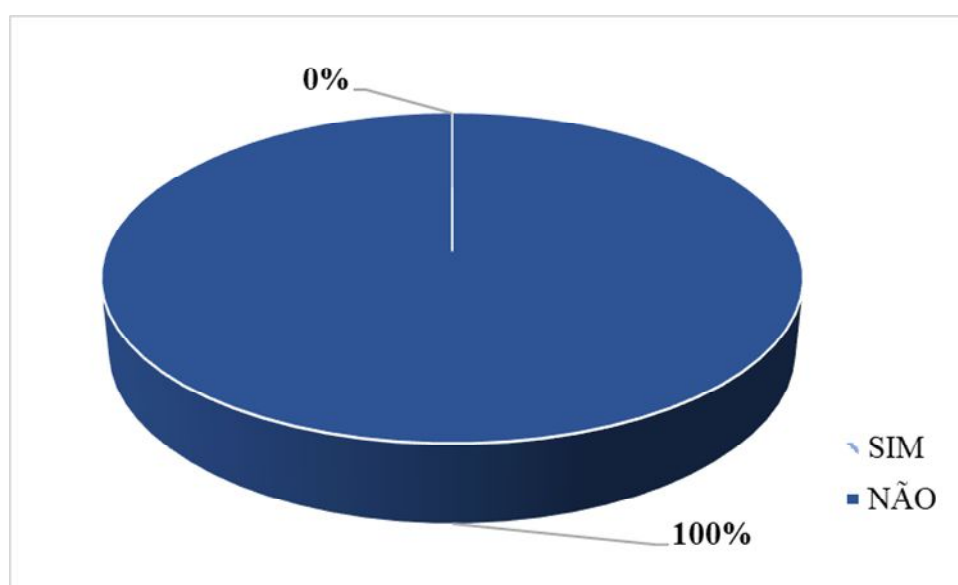
É nessa linha que o jornal e a revista poderão proporcionar ao aluno uma interação entre os fatos que acontecem na sociedade e uma reflexão sobre a função da linguagem no cotidiano. Continuando na apreciação dos nossos resultados tem-se em consideração o estudo de Gurgel (2017, p. 3), quando nos refere que,

para aproximar a produção escrita das necessidades enfrentadas no dia-a-dia, o caminho atual é enfocar o desenvolvimento dos comportamentos leitores e escritores. Ou seja: levar a criança a participar de forma eficiente de atividades da vida social que envolvam ler e escrever. Noticiar um fato num jornal, ensinar os passos para fazer uma sobremesa ou argumentar para conseguir que um problema seja resolvido por um órgão público: cada uma dessas ações envolve um tipo de texto com uma finalidade, um suporte e um meio de veiculação específicos. Conhecer esses aspectos é condição mínima para decidir, enfim, o que escrever e de que forma fazer isso. Fica evidente que não são apenas as questões gramaticais ou notacionais (a ortografia, por exemplo) que ocupam o centro das atenções na construção da escrita, mas a maneira de elaborar o discurso.

Diante o exposto, faz-se necessário refletir sobre a função da língua dentro dos gêneros jornalísticos, e como os autores expuseram, proporcionar essa interação entre o leitor e o texto, podendo contribuir com a formação crítica do aluno.

Na questão: No que se refere à questão: *existe algum projeto que usa o jornal e a revista em sua escola?* Foi possível identificarmos através do gráfico 08 que todos os inquiridos demonstraram não existir uma proposta que contemple os gêneros jornalísticos

Gráfico 08: Existência de Projeto que contemple o uso dos gêneros jornalísticos



Embora um professor preferisse não responder a essa pergunta, os demais (4) professores que correspondem a 100% dos participantes que responderam, afirmaram que não existe nenhuma proposta de projeto pedagógico, que venha contemplar o uso dos textos jornalísticos. Nessa linha, Porlicarpo e Steinle (2017, p.5) vem contribuir com seus estudos dizendo que

organizar e desenvolver ações prescritas e/ou determinadas em seu Projeto Político Pedagógico não é mais do que a expressão real dos anseios da sociedade que supostamente percebe a escola como referencial indispensável para assegurar a formação cultural e científica daquele que ativamente intervirá nela.

Os autores demonstraram que o projeto assegura a formação cultural e científica dos alunos, contudo, vale ressaltar que propor atividades e planejá-las com o intuito de utilizar os textos jornalísticos, vem sendo cada vez mais pensado para o cotidiano escolar. O que evidencia o acesso dos alunos a informação como um todo seja ela verídica ou não, o que importa na formação deles, e o saber crítico para diferenciar o que é noticiado e se a fonte é segura.

No que diz respeito ao questionamento: *Como sua aula fica quando você utiliza o jornal e a revista?* Foi possível verificar na tabela 05 que as aulas se tornam mais compreendidas, como verificamos abaixo:

Tabela 05: As aulas sendo utilizados jornais e revistas.

INICIAIS	RESPOSTAS
C.D.C.L	Interativa, já que se explora o conhecimento de mundo.
I.P.X.Z.	Constitui uma prática que vai para além da aula expositiva, pelo que há possibilidade de interação, análise prática e dinamismo.
M.B	Dinâmica. O aluno tem mais facilidade de em compreender a proposta solicitada.

Daqueles que responderam utilizar jornais e revistas, percebe-se que as respostas têm contemplado o valor de se utilizar os jornais e revistas em sala de aula. Os professores relataram que as aulas se tornam mais interessantes e interativas,

proporcionando ao aluno uma facilidade em compreender a proposta da aula. Diante o exposto,

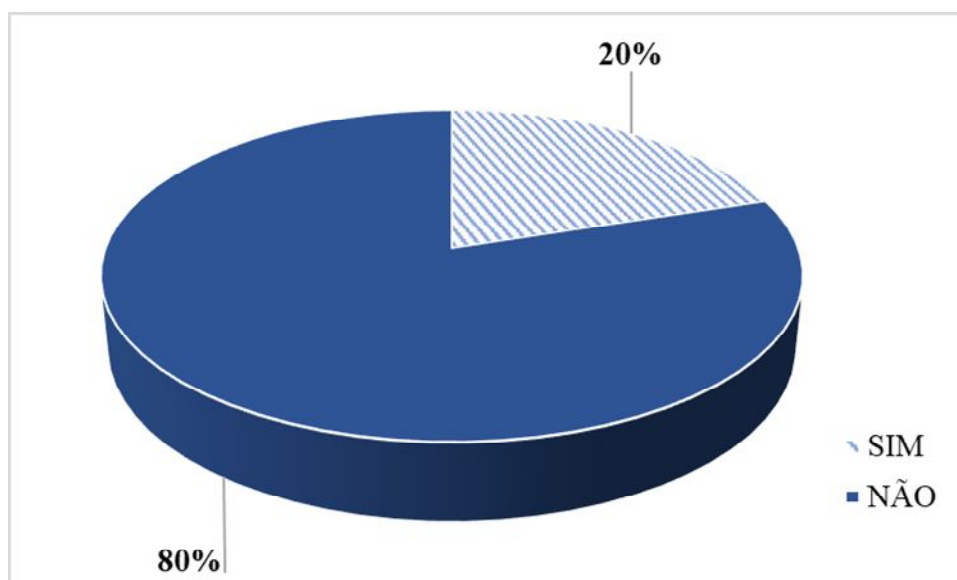
Os jornais impressos ou da Internet representam mais um entre tantos recursos que o professor tem disponíveis em sala de aula entre livros didáticos, cartazes, lousa e giz. O educador pode utilizá-los em suas aulas, gerando informações que poderão promover aprendizagem e favorecer o desenvolvimento crítico e cognitivo dos aprendizes. (Anhussi, 2009, p.38).

A autora ainda demonstra que

o uso de jornais abordado de forma significativa poderá desenvolver nos alunos maior entusiasmo e autonomia em relação às estratégias de leitura para se tornarem leitores críticos das mídias (Anhussi, 2009, p.42).

No que tange **ao segundo objetivo da investigação: identificar se os professores foram preparados para trabalhar com textos jornalísticos na sala de aula.** Foi perguntado aos inquiridos: *Em sua formação acadêmica (faculdade) você aprendeu a usar o jornal em sala de aula?* E as respostas podem ser observadas no gráfico 09:

Gráfico 09: Na formação acadêmica foi ensinado a usar jornais e revistas?



Em relação a esse questionamento, cerca de 80% (4) relataram que não houve a preparação em sua formação acadêmica para a utilização de revistas e jornais, e (1)

professor que corresponde a 20%, diz ter tido preparo para trabalhar com gêneros jornalísticos em sala de aula. Nesse viés, é possível verificar que para Anhussi (2009, p.51) “a formação inicial poderia contemplar de forma mais abrangente o uso crítico de jornais tanto impressos como os digitais, o qual seria ampliado e discutido na formação continuada, atendendo à necessidade da sociedade emergente”.

Contudo, infelizmente as instituições de ensino não têm proporcionado aos seus alunos uma disciplina que venha contemplar o uso de gêneros jornalísticos em sala de aula, o que evidencia a não preparação dos profissionais de Letras a trabalharem textos midiáticos. Anhussi (2009, p.52), ainda vem contribuir com seus dizeres sobre a importância em formar professores capazes de utilizar jornais e revistas em sala, postulando que

Adequar o uso crítico das informações jornalísticas à educação representa uma tarefa que exige disciplina e espírito de pesquisa. Uma formação crítica do professor para o uso de jornais tem constituído um referencial na busca de ofertar uma educação qualidade. Segundo Silva & Lima (2008), uma consideração a ser levada em conta é que o professor, na maioria das vezes, não teve uma formação crítica inicial e nem continuada, voltada para a utilização pedagógica das informações dos meios de comunicação em suas aulas. Essa formação inadequada para o uso das mídias muitas vezes faz com que esse professor não considere questões importantes como as ideologias e a tentativa de alienação presentes nas mensagens desse veículo de comunicação.

Nessa linha, o professor que disse ter tido formação acadêmica para o uso do gênero jornalístico em sala de aula, complementou dizendo, conforme demonstra a tabela 06:

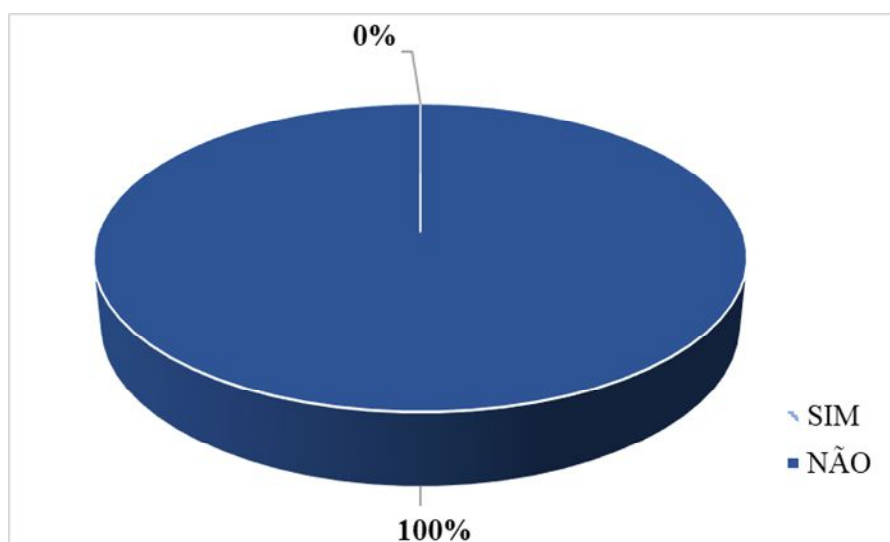
Tabela 06: Formação Acadêmica em Gêneros Jornalísticos

INICIAIS	RESPOSTAS
I.P.X.Z	Apenas no âmbito da pós-graduação, em disciplina de mestrado que contemplava linguística textual e ensino com base em textos midiático.

É possível verificar que essa formação só aconteceu após a sua formação inicial, ela se deu no âmbito da pós-graduação, o que evidencia mais uma vez a não utilização desse conteúdo na graduação dos professores.

Já na *questão: A escola promove curso de formação continuada para o uso de textos jornalísticos em sala de aula?* Foi possível identificarmos no gráfico 10:

Gráfico 10: A Escola promove curso de formação continuada em género jornalístico?



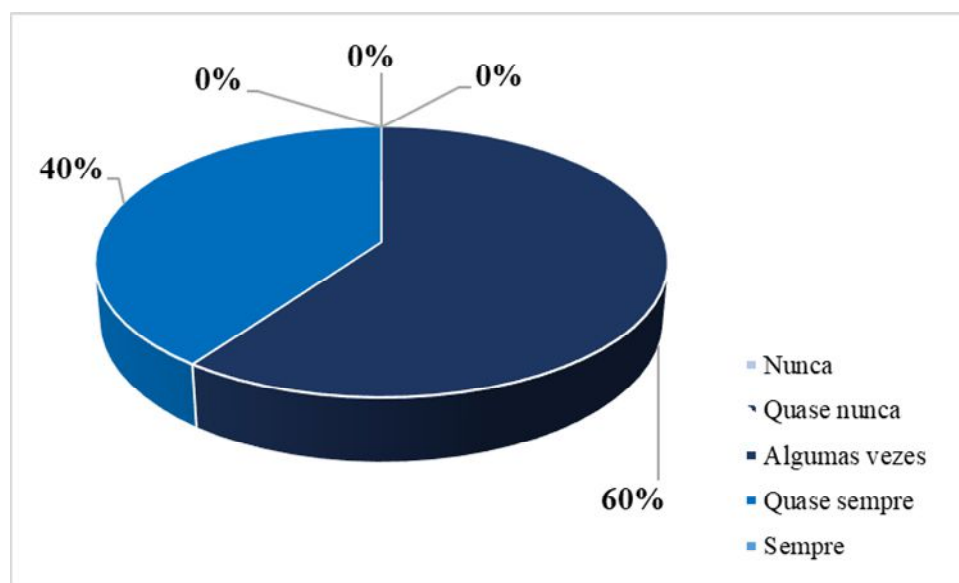
Embora tenhamos um professor que preferiu não opinar, os demais, configurando 100% disseram que não há formação continuada para trabalhar com géneros jornalísticos nas aulas de Língua Portuguesa. Diante desse facto, Bernardelli (2017, p.4)

Reporta-nos à importância da formação continuada para os educadores na busca de novas reflexões no processo educativo, onde o agente escolar passe a vivenciar as transformações de forma a beneficiar suas ações, com novas formas didáticas e metodológicas de promoção do processo ensino-aprendizagem com seu aluno, sem com isso ser colocado como mero expectador dos avanços estruturais de nossa sociedade, mas um instrumento de enfoque motivador desse processo.

A formação continuada proporciona ao educador, sempre um olhar diferenciado as novas propostas pedagógicas. Em virtude do conectivismo, os alunos têm buscado uma educação que está para além dos livros didáticos, essa geração considerada a geração Z, que nasceu no campo tecnológico, precisa e cobra da educação uma formação plena que venha contribuir com o seu aprendizado.

De acordo com o **terceiro objetivo**: *Descrever a importância do uso de informações dos jornais e revistas para que as aulas de Redação se tornem um ambiente privilegiado de participação coletiva.* Foi feita a seguinte questão: *Você acredita que o uso do jornal em sala de aula contribui na formação dos alunos?* E que obtemos, segundo o gráfico 11, tais resultados:

Gráfico 11: O uso do jornal em sala de aula contribui com a formação dos alunos?



Em relação a esse questionamento, para 60% (3) professores (as) acreditam que o uso do jornal na sala de aula pode, em algumas vezes, contribuir com a formação do aluno, já 40% (2) acreditam que, quase sempre, ele pode ser importante na construção do conhecimento. Em consonância com o resultado exposto, Anhussi (2009, p.34)

Diversas são as propostas para sistematizar um ensino crítico do uso das mídias na escola, porém suas mensagens implicam a formação de milhares de pessoas no mundo. Assim, não podemos ignorar que as mensagens difundidas pela mídia exercem influências na formação de nossos alunos, principalmente os das séries iniciais. Eles, entretanto, não são passivos; pois convivem com a mídia a partir de suas crenças, sua realidade e seus valores, produzindo novas formas de compreender o mundo.

Com as respostas dos professores (as) e de acordo com Anhussi (2009), a formação crítica do aluno poderá ser influenciada pelo que ele venha a ler, com isso, os educadores terão em mão uma ótima ferramenta para o ensino-aprendizagem e a formação da criticidade do educando. Formar cidadãos críticos tem sido hoje uma

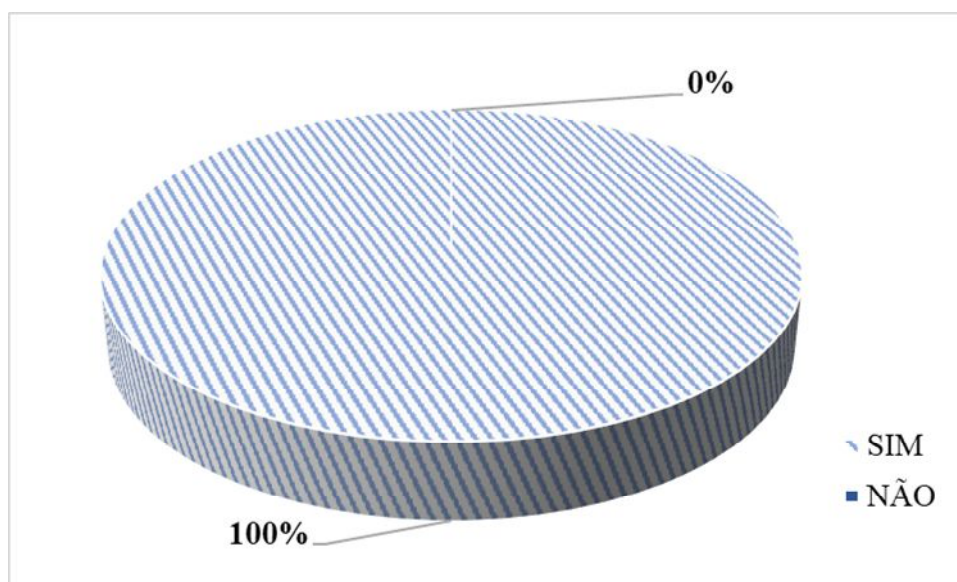
demanda que a sociedade impõe, com isso, para Policarpo; Steinle (2017, p6), vem complementar que

a sociedade requer de fato cidadãos críticos e autônomos, e ao mesmo tempo espera que a escola forme cidadãos com tais competências. Portanto, ela precisa se organizar e trabalhar buscando meios mais interessantes pra desenvolver os conteúdos e assim tornar o aluno reflexivo, participativo e construtor de novos conhecimentos.

Essa autonomia que a sociedade espera de seus filhos (as) contribui com a inserção dos textos jornalísticos na sala de aula. Fazendo com que os alunos possam desenvolver, ao longo do percurso da educação, habilidades e competências para gestarem suas vidas.

Na sequência foi perguntado: *Você acredita que a utilização dos jornais e revistas em sala de aula contribui para a leitura e produção de texto do aluno?* E diante esse questionamento, o gráfico 12 vem demonstrar que:

Gráfico 12: O uso do jornal em sala de aula contribui com a formação?



Embora alguns professores não utilizem em suas aulas textos jornalísticos, percebe-se que todos os inquiridos acreditam que o uso de jornais e revistas contribui com a leitura e a produção de texto na sala de aula. Para Ahnussi (2009, p.43):

Dentro ou fora da escola, independente dos recentes progressos tecnológicos em matéria de comunicação, a habilidade de ler continua sendo componente essencial para todo e qualquer tipo de aprendizagem e o uso de jornais digitais na escola pode contribuir para ampliação dessa habilidade.

Diante o exposto, o uso dos géneros jornalísticos nas aulas de Língua Portuguesa e Produção de Texto, como foi discorrido ao longo do texto, proporciona uma reflexão acerca da formação crítica do aluno. Para que o professor possa contribuir com a formação de alunos leitores e escritores, primeiramente, ele deverá estar preparado para implementar novas propostas pedagógicas que venham contemplar as mídias jornalísticas, para então proporcionar ao educando uma formação de qualidade, conforme segue a proposta abaixo.

PROPOSTA DE PROJETO DE INTERVENÇÃO

O desenvolvimento de habilidades dos alunos na disciplina de Redação, a partir do uso dos gêneros jornalísticos muitas vezes tem sido um desafio para os professores, tendo em vista que muitos não preparam os seus planeamentos abordando tais gêneros, mesmo dizendo que acreditam ser importantes para a formação dos alunos.

Com o intuito de mudarmos essa realidade, faz-se necessário a implementação de um projeto de Intervenção, com o objetivo de melhorar o planeamento e a inclusão de textos jornalísticos, como ferramenta de aprendizagem.

Tabela 07: Proposta de Intervenção para a Inclusão dos Gêneros Jornalísticos

TEMA: GÊNEROS JORNALÍSTICOS COMO COMPLEMENTAÇÃO DA FORMAÇÃO CRÍTICA DO ALUNO	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Propor um planeamento que contemple todos os gêneros jornalísticos na formação crítica dos alunos, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio.• Propor oficinas de conhecimento, no qual o educador poderá ter acesso aos materiais de forma lúdica, proporcionando a ele o conhecimento mais aprofundado do gênero.
Implementação	A atividade de formação continuada acontecerá em reuniões trimestrais, no espaço escolar, em horário de formação dos professores.
Estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Curso de formação em Gêneros Jornalísticos, ministrados por profissionais da Faculdade de Letras.• Oficinas lúdicas como demonstração de atividades a serem implementadas aos alunos na sala de aula.
Recursos	<ul style="list-style-type: none">• Parceria com Universidades para a implementação de cursos• Datashow, uso da sala multimídia e outros.
Atividades desenvolvidas	<ul style="list-style-type: none">• Formação através de palestras;• Vivência através de oficinas.• Troca de experiências entre educadores de outros segmentos.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Contribuir com a formação do profissional de Letras para que ele possa, de facto, contribuir com um processo de ensino-

esperados	aprendizagem mais dinâmico e interessante aos alunos.
-----------	---

Diante a proposta de intervenção, acredita-se que com as atividades a serem desenvolvidas com os professores, os mesmos serão capazes de oferecer aos alunos uma educação de qualidade, que aborde tanto o cotidiano quanto os elementos de criticidade que contribuirão para sua formação social.

CAPÍTULO V –CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da nossa pergunta de partida: *É possível identificarmos as habilidades que o aluno irá adquirir na disciplina de redação a partir da utilização de informações de jornais e revistas?* Foi possível identificar quais são as possibilidades do aluno adquirir habilidades, utilizando informações de jornais e revistas na disciplina de Português e Produção de Texto, sendo esse o nosso objetivo geral.

No que tange a este objetivo geral, foi feita uma pesquisa bibliográfica com o intuito de explorar mais sobre a temática que versa o uso de jornais e revistas nas aulas. E para responder o objetivo geral, foi utilizado um questionário com perguntas abertas e fechadas com os professores (as) com o intuito de buscar responder a todos os questionamentos propostos na tese.

Em busca de responder ao questionamento maior, foram estabelecidos três objetivos.

O primeiro objetivo: analisar a prática pedagógica do uso da linguagem jornalística e da diversidade dos temas abordados na disciplina de Redação. Segundo a análise feita, embora alguns professores não utilizem jornais e revistas na sala de aula como proposta pedagógica na disciplina de Redação, foi unânime o discurso sobre a importância que esse gênero tem para a prática docente. Já para aqueles que relataram o uso desse material, foram surpreendentes os discursos que versavam sobre a formação crítica do aluno trazendo a realidade do cotidiano para a sala de aula.

Sobre o segundo objetivo: identificar se os professores foram preparados para trabalhar com textos jornalísticos na sala de aula. Nesse objetivo, ficou claro que a formação inicial dos professores de Língua Portuguesa não contemplava a formação em gêneros jornalísticos para serem trabalhados na sala de aula. Contudo, houve apenas um professor que disse ter tido a formação, porém, ela só aconteceu no Curso de Pós-graduação.

Já no âmbito da formação continuada, foi possível perceber que os professores não obtêm essa temática em seus cursos de formação, proposto pela instituição de ensino.

Para o terceiro objetivo: Descrever a importância do uso de informações dos jornais e revistas para que as aulas de Redação se tornem um ambiente privilegiado de participação coletiva. Tornar as aulas de Língua Portuguesa e Redação prazerosas, pode até ser um desafio em um momento em que essa nova geração se encontra boa parte do tempo conectada. Contudo, embora não tenhamos a prática do uso de jornais e revistas por parte de alguns professores, foi possível perceber que todos acreditam que esses gêneros poderão contribuir para um ambiente participativo e criativo, fazendo com que os alunos possam ter uma formação voltada para a criticidade.

Ao analisar os resultados concluímos esta pesquisa afirmando que a adaptação do currículo é a forma mais assertiva para trabalhar a inclusão, por vários fatores citados no decorrer do trabalho, mas, principalmente, pelo respeito ao ritmo de aprendizagem de cada indivíduo, favorecendo a cada ser humano uma aprendizagem significativa, que o capacite a exercer o seu papel enquanto cidadão, ampliando seu leque de oportunidades na vida social e profissional.

REFERÊNCIAS

- Acoorsi, F.A.; Teruya, T.K.(2012).a mediação docente no uso jornal na sala de aula *Revista Anais da Semana de Pedagogia da UEM*. Volume 1, Número 1. Maringá: UEM. [Em linha].Disponível em:<<http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2012/pdf/T2/T2-005.pdf>>.[Acessado em: 10/12/2017].
- Almeida, M.F.; Xavier, M.M. Bezerra, S.N.C. (2017). Do jornalismo à sala de aula: a abordagem do gênero discursivo reportagem em um livro didático de português. *Revista Temática*, Ano XIII, n. 04. Abril/2017. NAMID/UFPB – [Em linha].Disponível em:<<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>>.[Consultado em: 01/10/2017].
- Anhussi, E. C. (2009). *O uso do jornal em sala de aula: sua importância e concepções de professores*. Presidente Prudente: [s.n], 2009. [Em linha]. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/92284/anhussi_ec_me_prud.pdf?sequence=1>.[Consultado em 01/01/2018].
- Assumpção, S.S.P.(2009) *.Os gêneros jornalísticos na sala de aula.Simposio Internacional de Estudos de Géneros Textuais*. [Em linha].Disponível em:<https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/os_generos_jornalisticos_na_sala_de_aula.pdf>.[Consultado em 10/01/2018]
- Bakhtin, B(2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barthes, R. (1993). *Mitologias*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Belloni, M.L.(2009). *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados.
- Benjamin, W. (1994). *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense. 1994a.
- Bernardelli, M.O.R. (2017). *A formação continuada de professores e a qualidade do processo ensino-aprendizagem*. Governo do Paraná. [Em linha].Disponível em:<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_maria_odete_rodrigues_bernadelli.pdf>. [Consultado em 10/01/2018].
- Boff, O.M. B.; Köche, V. S.; Marinello, A. F.(2009). *O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação*. ReVEL, vol. 7, n. 13. [Em linha].Disponível em:<www.revel.inf.br>.[Consultado em 10/12/2017].
- Bordignon, G; Queiroz, A; Gomes,L (colabs.).(2014). *O Planejamento Educacional no Brasil. In: Fórum Nacional de Educação/Plano Nacional de Educação*. Brasília, DF, 2011. Anais... Brasília, 2011. Disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/viewFile/62668/37762>.> [Consultado em 10/01/2018].

- Brasil. (1998). Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília, DF.
- Brasil. (2000). Ministério da Educação. *Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)*. Brasília: MEC.
- Brasil. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. [Em linha]. Disponível em: . Acesso em: 20 mai. 2012. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros.
- Capucha, L.M.A. (2008). *Planeamento e Avaliação de Projectos*. Ministério da Educação, Selenova: Lisboa.
- Castro, A.T.O.S (2017). *O uso da Mídia impressa jornal em sala de aula, para desenvolver a leitura e escrita e divulgar a energia Eólica implantada em Sant'Ana do Livramento – RS*. Rio Grande do Sul. [Em linha]. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1386/Castro_Ana_Terezinha_de_Oliveira_de_Souza.pdf?sequence=1>. [Consultado em 10/01/2018].
- Citelli, A.(2000). *Meios de comunicação e práticas escolares*. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 17, p. 30-36, jan/abr.
- Coelho, B. (2003). *Contar Histórias Uma Arte Sem Idade*. São Paulo. Ática.
- Coelho, S.S.B. (2014). *O Gênero Discursivo Carta do Leitor e Possibilidades de Leitura e de Escrita: A Sequência Didática Como Metodologia De Trabalho* . UNIOEST. [Em linha]. Disponível em: < <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/411.pdf>>. [Consultado em 10/12/2017].
- Costa, V.(1999). *Texto e textualidade*. In: *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* / John W. Creswell ; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed.
- Dittrich ,I.J.(2003). Retórica dos títulos em reportagens impressas. *Revista do Departamento de Comunicações e Artes da Educação*. São Paulo: USP.
- Emediato, W. e Lara, G.M.P. (2011). *Análise do Discurso*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- Erbolato, M. L. (2003). *Técnicas de codificação em jornalismo*. 5ª ed. SP: Ática, 2003.

- Faria, M. A. de O.(1994) *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto.
- Faria, M. A.(1996). *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto.
- Faria, M. A.; Zanchetta Jr., J.(2002). *Para fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gadotti, M.(2007). *O jornal na escola e a formação de leitores*. Brasília: Líber Livro Editora.
- Gerhardt, T.E;Silveira,D.T.(2009) . *Métodos de pesquisa. coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS.*
- Gil A. C. (2008) *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5 ed. São Paulo: Atlas.
- Gomes, M.R. (2000). *Jornalismo e Ciências da Linguagem*. São Paulo: Edusp.
- Gray, D. (2012). *Pesquisa no mundo real*. 2 ed. Porto Alegre: Penso.
- Grübler, L.C.(2012). *A utilização do jornal como importante recurso pedagógico nas escolas*. Especialização em Mídias na Educação. UFRGS. Rio Grande do Sul. [Em linha].Disponível em:<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95677/000916585.pdf?sequence=1>>.[Consultado em 10/12/2017].
- Gurgel, T. (2017) *Produção de texto: como ensinar os alunos a escrever de verdade*. *Revista Nova Escola*. [Em linha]. Disponível em:<<https://novaescola.org.br/conteudo/231/producao-de-texto-como-ensinar-os-alunos-a-escrever-de-verdade>>. [Consultado em 10/01/2018].
- Hamze, A. (2017). *O Uso Do Jornal Na Sala De Aula*. Brasil Escola. [Em linha].Disponível em:<[Http://Educador.Brasilecola.Uol.Com.Br/Trabalho-Docente/Jornal-Sala-Aula.Htm](http://Educador.Brasilecola.Uol.Com.Br/Trabalho-Docente/Jornal-Sala-Aula.Htm)>[Consultado em 20/01/2018].
- Jerônimo, G. M.; Hübner, L. C.(2014). *Abordagem neurolinguística do texto narrativo: um enfoque teórico*. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC.
- Kleiman & Cavalcanti (org.)(2007). *Linguística Aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Koch, I G V.(1992) *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.
- Leite, J. S. V.(2013). *A tirinha: gênero norteador do ensino de língua*. Pombal - PB . [Em linha].Disponível

em:<http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/tcc/2013/paraiba/pombal/jane_da_silva_vieira_leite.pdf>.[Consultado em 10/12/2017].

- Lopes, P.C.(2017).*Gêneros literários e gêneros jornalísticos:Uma revisão teórica de conceitos*. Lisboa. Disponível em:< <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-generos-lopes.pdf>>[Acessado em: 10/01/2018].
- Lopez, D.C.; Mata, J.H. (2009) Os gêneros jornalísticos e sua aplicação no radiojornalismo *Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF*. [Em linha].Disponível em:< <file:///D:/Downloads/265-263-1-PB.pdf>>.[Consultado em 10/01/2018].
- Lovato, C.S. (2011).Gêneros textuais e ensino: uma leitura dos pens de língua portuguesa do ensino fundamental. *Revista Entrevistas*. [Em linha].Disponível em:<file:///D:/Downloads/3172-11710-1-PB.pdf> .[Consultado em 10/01/2018].
- Maia, J.V. (2017). *O GÊNERO CHARGE NA SALA DE AULA: REFLEXÃO E AÇÃO CRÍTICA*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Natal. [Em linha].Disponível em:
<[http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Janicleide%20Vidal%20Maia%20\(SEDUC\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Janicleide%20Vidal%20Maia%20(SEDUC).pdf)>.[Consultado em 10/12/2017].
- Marcuschi, L.A.(2002). *Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade*. In: DIONISIO, Ângela *et alii*. Gêneros Textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Minayo, M. C. S.(1982). *O Desafio do Conhecimento*. São Paulo: Hucitec.
- Miranda, C.I.D.;Santos, J.S. (2010)O gênero jornalístico e o ensino: reflexões sobre reportagem na mídia impressa e no livro didático.*Revista Ao pé da Letra – Volume 12.2 – 2010*. [Em linha].Disponível em:< <file:///D:/Downloads/231755-78511-1-SM.pdf>>.[Consultado em 10/01/2018].
- Moura, A.L.C; Tocantins, R.A. (2015). *O Jornal Escolar Como Recurso Pedagógico School Newspaper As Educational Resource* .Entreletras, Araguaína/TO, v. 6, n. 1, p.98-118, jan/jun.
- Nora, P.(1993). *Entre Memória e História: A problemática dos lugares*.Programa de História, São Paulo.
- PCNs. (1997).*Parâmetros Curriculares Nacionais*. MEC: Brasília. [Em linha]. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>[Consultado em 10/01/2018].
- Pessoa, A. (2006). *Balão de texto das Histórias em Quadrinhos*. [Em linha]. Disponível em:< <https://albertopessoa.wordpress.com/tag/historias-em-quadrinhos/page/2/>>[Consultado em 10/01/2018].
- Policarpo, I e Steinle, M.C.B.(2017). *Contribuições dos recursos alternativos para a prática pedagógica*. [Em linha]. Disponível em: <

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2345-8.pdf>>[Consultado em 10/01/2018].

- Prodanov, C. C.; Freitas, E.C.(2013). *Metodologia do trabalho científico* [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale.
- Puntel, M. e Hoesel, C.G.M. (2017). *O Uso do jornal impresso em sala de aula: abordagens no contexto da alfabetização/ letramento*. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/765/Puntel_Michele.pdf?sequence=1>[Consultado em 10/01/2018].
- Ribeiro, S. R. (2006). *Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense*. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: UFPB
- Rocha, E. e Pereira, C.(2008). *Juventude e Consumo: Um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Sampieri, H. et alii. (2013). *Metodologia de pesquisa*. Trad. Daisy Vaz de Moraes. 5. Ed. Porto Alegre: Penso.
- Sampieri, H. et alii. (2006). *Metodología de la investigación*. Cuartaedición. Mac graw hill, méxico.
- Santos, R.E.e Cavignato,D.(2013). A Renovação da Linguagem Jornalística no Jornalismo em Quadrinhos. *Revista Estudo Comunitário*, Curitiba.
- Schaum, D. (1996). Blind Signature Technology and Digital Privacy. [Em linha]. Disponível em <<http://www.digicash.com/publish/sciam.htm>>. [Consultado em 06/09/1999].
- Seixas, L.(2013). *Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos*. Galaxia. (São Paulo, Online), n. 25, p. 165-179, jun. 2013. [Em linha]. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n25/v13n25a14.pdf>>[Consultado em 10/01/2018].
- Silva, F.M. (2010).Gêneros jornalísticos para a prática em sala de aula. *Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas* ISSN 1984-6576– v. 2,n.2– outubro de 2010. [Em linha].Disponível em:<[file:///D:/Downloads/2853-8498-1-PB%20\(1\).pdf](file:///D:/Downloads/2853-8498-1-PB%20(1).pdf)>.[Consultado em 10/01/2018].
- Silva, L. (2005). *O uso das informações dos jornais e revistas: possibilidade de formação para a autonomia e desenvolvimento de habilidades da disciplina Redação no aluno do Ensino Médio*. Campo Grande, 169p. Dissertação (Mestrado). Mestrado de Educação, Universidade Católica Dom Bosco – UCDB.
- Tanino, S. (2011). *Histórias em quadrinhos como recurso metodológico para os processos de ensinar*. Londrina: Paraná. [Em linha].Disponível:<

<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/SONIA%20TANINO.pdf>>[
Consultado em 10/01/2018].

Teruya, T. K.(2009). *Sobre mídia, educação e Estudos Culturais*. In. MACIEL, Lizete Shizue Bomura; M, N. N. R. (Org.) Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares. Maringá: Eduem.

Teruya, T. K. e Moraes, R. A.(2009). *Mídias na educação e formação docente, Linhas Críticas*, Brasília, v. 14, n. 27 p. 327-343, jul./dez.

Teruya, T. K.(2006). Trabalho e Educação na Era Midiática: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação. Maringá, Eduem.

Toschi, M. S. (1993). *Educação escolar e comunicação – presenças e ausências do jornal na sala de aula*. Goiânia: UFG – Faculdade de Educação, dissertação de mestrado.

Vasco, A. M. *et alii*. (2010). *Software de autoria de História em Quadrinhos para apoio ao ensino de Língua Portuguesa e Matemática*. [Em linha]. Disponível em: <https://cenfopmatematicasignificativa.files.wordpress.com/2010/06/artigohq1.pdf>. [Consultado em 10/10/ 2017].

Vilarinho, S. (2016).*Artigo de Opinião*. [Em linha]. Disponível em:< <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/artigo-opinioo.htm>> .[Consultado em 24/01/2018]

Vilarinho, S. (2016).O editorial. Brasil Escola. [Em linha].Disponível em:< <http://brasilecola.uol.com.br/redacao/o-editorial.htm>> .[Consultado em Acessado em: 24/01/2018]

Vinhal, T.P.(2013). A produção textual na escola e a prática docente na sala de aula : dos materiais aos documentos oficiais – o caso de uma 4ª e 5ª série de Presidente Prudente.Dissertação de Mestrado: Presidente. [Em linha].Disponível em:<http://www2.fct.unesp.br/pos/educacao/teses/2013/ms/tatiane-vinhal.pdf> [Consultado em 20/01/2018]

ANEXOS

ANEXO 01 – CHECK LIST CE



UNIVERSIDADE
FERNANDO PESSOA

CHECKLIST DA CE

INSTRUÇÕES: COLOCAR UM [X] NO QUADRADO RESPECTIVO, INDICANDO QUE O DOCUMENTO/CONTEÚDO EM CAUSA INTEGRARÁ A DOCUMENTAÇÃO ENVIADA PARA Apreciação OU NÃO (APENAS SE TAL NÃO SE APLICAR AO PROJETO EM QUESTÃO)

ANEXO	ELEMENTOS A INCLUIR NOS PROJETOS PARA Apreciação PELA CE	NÃO SE APLICA
<input type="checkbox"/>	1. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO.	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	2. PARTICIPANTES.	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	3. CópIA DOS INSTRUMENTOS, COM REFERÊNCIA À SUA ARTICULAÇÃO COM OS OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO.	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	4. AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DOS INSTRUMENTOS POR PARTE DO(S) SEU(S) AUTOR(ES).	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	5. DESCRIÇÃO DETALHADA DO PROCEDIMENTO DE ACESSO AOS PARTICIPANTES DO ESTUDO E DA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO INFORMADO DOS PRÓPRIOS OU DOS TUTORES LEGAIS DOS MESMOS.	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	6. DESCRIÇÃO DETALHADA DO PROCEDIMENTO DE APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS, INCLUINDO REFERÊNCIA ÀS FORMAS COMO SERÃO GARANTIDOS O ANONIMATO (CASO ESTEJA EM CAUSA) E A CONFIDENCIALIDADE.	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	7. DESCRIÇÃO DETALHADA DA FORMA COMO OS REGISTOS DE SOM OU DE IMAGEM SERÃO OBTIDOS E GUARDADOS E AINDA COMO SERÁ OBTIDA AUTORIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES/TUTORES LEGAIS PARA O EFEITO.	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	8. CópIA DO FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DA UFP.	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	9. CARTA DO ORIENTADOR, ATESTANDO TER CONHECIMENTO E DAR O SEU AAcORDO.	<input type="checkbox"/>

NOME E ASSINATURA DO(A) PROPONENTE

.....

ANEXO 2 – SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO



SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO

Ex-ma/Sr. Diretor

E. E.

Assunto: Solicitação de autorização para a investigação na Escola (....)

O meu nome é Fabiana Nogueira, Graduada em Letras, encontro-me a frequentar o 2.º ano de Mestrado em Educação na Universidade Fernando Pessoa, sob coordenação da Professora Doutora Fátima Paiva Coelho. O segundo ano do mestrado é constituído pela dissertação, sendo que irei desenvolver o seguinte tema *“A Possibilidade do Desenvolvimento de Habilidades na Disciplina de Redação a partir da utilização das Informações de Jornais e Revistas”*, o qual está sob a orientação da Professora Doutora Luísa Saavedra, da Universidade Fernando Pessoa.

Atendendo a solicitação da Comissão de Ética da UFP, venho por este meio desta, solicitar a sua autorização para começar o processo investigativo que tem como objetivo, identificar quais são as possibilidades de o aluno adquirir habilidades, utilizando informações de jornais e revistas na disciplina de redação.

No mais informo que guardaremos o sigilo referente a todos os envolvidos na amostra, bem como o respeito à ética que permeia na reunião das informações dadas pela entrevista.

Agradeço desde já a melhor atenção que possa dar a este assunto e encontro-me disponível para prestar os esclarecimentos que entenda necessários, deixando assim o meu contacto telefónico (+55 (21) 98357-6160).

Os meus melhores cumprimentos, Fabiana Silva Nogueira.

ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da investigação sobre “*A Possibilidade do Desenvolvimento de Habilidades na Disciplina de Redação a partir da utilização das Informações de Jornais e Revistas*”, de responsabilidade da pesquisadora Fabiana Silva Nogueira.

O participante foi informado(a) de forma clara e detalhada sobre os objetivos e a justificativa da pesquisa que busca “Identificar quais são as possibilidades de o aluno adquirir habilidades, utilizando informações de jornais e revistas na disciplina de Redação”. A sua participação na pesquisa ocorrerá através das respostas ao questionário proposto pela pesquisadora.

O participante tem conhecimento de que responderá a um questionário sobre a pesquisa em tese. Ele receberá resposta a qualquer dúvida sobre essa investigação, além de outros assuntos relacionados à pesquisa. Não haverá nenhum desconforto psicológico ou risco na sua participação na pesquisa.

O participante compreendeu que os benefícios que serão proporcionados à sociedade são concernentes a uma possível melhoria no campo educacional, e o mesmo terá a garantia de receber todos os esclarecimentos sobre qualquer dúvida sobre essa pesquisa e poderá ter acesso aos dados em qualquer etapa do estudo. Também não haverá nenhuma despesa por sua participação na pesquisa.

Concorda com a divulgação dos dados obtidos durante a pesquisa, bem como entende que não será identificado e que se manterá o caráter sigiloso das informações. Também sabe que os dados obtidos serão arquivados e, futuramente, a pesquisa, se possível, publicada para fornecer aos profissionais os dados mensurados. Sabe que terá

total liberdade para retirar o seu consentimento e deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem que isso traga prejuízos ou implicações.

Caso tenha dúvidas sobre o comportamento do pesquisador ou sobre as mudanças ocorridas na pesquisa que não constam no TCLE, e caso se considerar prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, pode entrar em contato com o (a) pesquisadora () – Contato ()).

Dessa forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo.

Desde já, agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pelo pesquisador responsável em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o (a) pesquisador (a).

Cidade, _____ de _____ de _____.

Nome legível do participante

Assinatura do(a) participante

Fabiana Nogueira

Assinatura do pesquisador(a)

ANEXO 4 - GUIÃO DE PERGUNTAS

QUESTIONÁRIO – PROFESSORES



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Fabiana Nogueira

GUIA DE PERGUNTAS PARA OS PROFESSORES DA ESCOLA

*TEMA: A Possibilidade do Desenvolvimento de Habilidades na Disciplina
de Redação a partir da utilização das Informações de Jornais e Revistas*

Normas da Pesquisa Académica

- 1) A presente pesquisa visa fins unicamente académicos, não sendo a mesma realizada para fins de pesquisa de mercado ou afins;
- 2) O (A) entrevistado (a) deverá participar dessa pesquisa por livre e espontânea vontade. Qualquer tipo de coação, se descoberta posteriormente, invalidará automaticamente a mesma;
- 3) O resultado da pesquisa estará à disposição dos entrevistados para uma posterior consulta no centro académico da referida instituição;

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Este questionário tem como finalidade obter informações sobre _____ que possam contribuir para melhor desempenho do processo ensino/aprendizagem do aluno. O mesmo será utilizado exclusivamente para fins acadêmicos e como parte de Pesquisa em um Mestrado em Docência e Gestão na Educação da Universidade Fernando Pessoa. O anonimato e a confidencialidade das informações prestadas estão garantidos. O preenchimento é feito assinalando a alternativa escolhida e explicando-a sempre que for necessário.

1ª PARTE – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Iniciais: _____

1 – Idade

- ≤20
- 21 – 25
- 26 – 30
- 31 – 35
- 36 – 40
- ≥41

2 – Género

- Masculino
- Feminino

3 – Qual é o seu Estado Civil?

- Solteiro (a)
- Casado (a)/ União estável
- Divorciado (a)/ Separado (a)
- Viúvo (a)
- Outro: _____

4 – Qual é a sua profissão?

5 – Tempo de atividades na Educação?

- Menos de 1 ano
- Entre 1 a 3 anos.
- Entre 3 a 5 anos.
- Entre 5 a 10 anos
- Mais de 10 anos

2ª PARTE – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

1 – Você utiliza Jornais e Revistas na sala de aula?

SIM	
NÃO	

Se respondeu afirmativamente, por favor, continue na questão 1.1

1.1. Com qual frequência?

2 - Em sua formação acadêmica (faculdade) você aprendeu a usar o jornal em sala de aula?

SIM	
NÃO	

Se respondeu afirmativamente, por favor, continue na questão 2.1

2.1. Descreva como foi.

3 – O uso do Jornal e da Revista contribui na sua prática docente ?

SIM	
NÃO	

Se respondeu afirmativamente, por favor, continue na questão 3.1

3.1. Explique como.

A Possibilidade do Desenvolvimento de Habilidades na Disciplina de Redação a partir da utilização das
Informações de Jornais e Revistas

4 – A escola promove curso de formação continuada para o uso de textos jornalísticos em sala de aula?

SIM	
NÃO	

Se respondeu afirmativamente, por favor continue na questão 3.1

4.1.Com qual frequência? Descreva as atividades.

5–Há planejamento para a utilização de textos jornalísticos nas aulas de Produção de Texto?

Nunca	
Quase Nunca	
Algumas Vezes	
Quase sempre	
Sempre	

6 – Você acredita que o uso do jornal em sala de aula contribui na formação dos alunos?

Nunca	
Quase Nunca	
Algumas Vezes	
Quase sempre	
Sempre	

7 – Você acredita que a utilização dos jornais e revistas em sala de aula contribui para a leitura e produção de texto do aluno?

SIM	
NÃO	

Se respondeu afirmativamente, por favor, continue na questão 7.1

7.1. Descreva essa contribuição.

A Possibilidade do Desenvolvimento de Habilidades na Disciplina de Redação a partir da utilização das
Informações de Jornais e Revistas

8- Existe algum projeto que usa o jornal e a revista em sua escola:

SIM	
NÃO	

Se respondeu afirmativamente, por favor continue na questão 8.1

8.1. Qual é esse projeto?

9- Como sua aula fica quando você utiliza o jornal e a revista?

10 – Você acredita que a utilização dos jornais em sala de aula contribui para o desenvolvimento das habilidades e competências do aluno?

SIM	
NÃO	

Se respondeu afirmativamente, por favor continue na questão 10.1

10.1. Explique.

OBRIGADA PELA SUA CONTRIBUIÇÃO!!!

ANEXO 6 – TABULAÇÃO DOS RESULTADOS

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

1ª PARTE – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Iniciais: _____

1 – Idade

Quantidade	Idade
	≤20
1	21 – 25
1	26 – 30
2	31 – 35
1	36 – 40
	≥41

2 – Género

Quantidade	Género
2	Masculino
3	Feminino

3 – Qual é o seu Estado Civil?

Iniciais	Profissão
5	Professor

4 – Qual é a sua profissão?

Quantidade	Idade
4	Solteiro (a)
1	Casado (a)/ União estável
	Divorciado (a)/ Separado (a)
	Viúvo (a)
	Outro:

5 – Tempo de atividades na Educação?

Quantidade	Tempo
	Menos de 1 ano
1	Entre 1 a 3 anos.
1	Entre 3 a 5 anos.
2	Entre 5 a 10 anos
1	Mais de 10 anos

2ª PARTE – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

1 – Você utiliza Jornais e Revistas na sala de aula?

SIM	2
-----	---

A Possibilidade do Desenvolvimento de Habilidades na Disciplina de Redação a partir da utilização das Informações de Jornais e Revistas

NÃO	3
-----	---

Se respondeu afirmativamente, por favor, continue na questão 1.1

1.1. Com qual frequência?

Iniciais	Respostas
I.P.X.Z.	Duas ou três vezes ao mês.
M.B	Duas ou três vezes ao mês

2 - Em sua formação acadêmica (faculdade) você aprendeu a usar o jornal em sala de aula?

SIM	1
NÃO	4

Se respondeu afirmativamente, por favor, continue na questão 2.1

2.1. Descreva como foi.

Iniciais	Respostas
I.P.X.Z.	Apenas no âmbito de pós-graduação, em disciplina de mestrado que contemplava linguística textual e ensino com base em textos midiáticos.

3 – O uso do Jornal e da Revista contribui na sua prática docente?

SIM	3
NÃO	2

Se respondeu afirmativamente, por favor, continue na questão 3.1

3.1. Explique como.

Iniciais	Respostas
C.D.C.L	Trazer a realidade para sala de aula é garantir formatividade no processo.
I.P.X.Z.	Identificar criticamente características linguísticas e discursivas em texto de imprensa auxilia no trabalho prático em sala porque permite contextualizar as ferramentas da linguagem em sua produção e uso reais em situações concretas
M.B	Com o uso de jornais e revistas o professor tem várias vertentes e assuntos a serem discutidos, contribuindo assim para o aprendizado, levando o aluno a compreender melhor o que lhe for solicitado.

4 – A escola promove curso de formação continuada para o uso de textos jornalísticos em sala de aula?

SIM	
NÃO	4

1 NÃO RESPONDEU

Se respondeu afirmativamente, por favor, continue na questão 3.1

4.1.Com qual frequência? Descreva as atividades.

Iniciais	Respostas

5–Há planejamento para a utilização de textos jornalísticos nas aulas de Produção de Texto?

Nunca	1
Quase Nunca	1
Algumas Vezes	1
Quase sempre	2
Sempre	

6 – Você acredita que o uso do jornal em sala de aula contribui na formação dos alunos?

Nunca	
Quase Nunca	
Algumas Vezes	3
Quase sempre	2
Sempre	

7 – Você acredita que a utilização dos jornais e revistas em sala de aula contribui para a leitura e produção de texto do aluno?

SIM	3
NÃO	2

Se respondeu afirmativamente, por favor, continue na questão 7.1

7.1. Descreva essa contribuição.

Iniciais	Respostas
C.D.C.L	Melhora o poder argumentativo e há a possibilidade de trabalhos com gêneros
I.P.X.Z.	Para o trabalho com a configuração descritiva, argumentativa expositiva é excelente; além de servir para a prática de construção de sentidos e organização de ideias do texto.
C.M.S	Para uma melhor escrita
M.B	O aluno terá possibilidade de saber o que acontece e assim poder desenvolver melhor os temas propostos de redação, seja na escola ou nos vestibulares.
M.S.M	Como forma de trabalhar a compreensão de um gênero literário específico.

8- Existe algum projeto que usa o jornal e a revista em sua escola:

SIM	0
NÃO	4

1 NÃO RESPONDEU

Se respondeu afirmativamente, por favor, continue na questão 8.1

8.1. Qual é esse projeto?

Iniciais	Respostas
----------	-----------

A Possibilidade do Desenvolvimento de Habilidades na Disciplina de Redação a partir da utilização das Informações de Jornais e Revistas

9- Como sua aula fica quando você utiliza o jornal e a revista?

Iniciais	Respostas
C.D.C.L	Interativa, já que se explora o conhecimento de mundo.
I.P.X.Z.	Constitui uma prática que vai para além da aula expositiva, pelo que há possibilidade de interação, análise prática e dinamismo.
M.B	Dinâmica. O aluno tem mais facilidade de em compreender a proposta solicitada.

10 – Você acredita que a utilização dos jornais em sala de aula contribui para o desenvolvimento das habilidades e competências do aluno?

SIM	4
NÃO	1

Se respondeu afirmativamente, por favor, continue na questão 10.1

10.1. Explique.

Iniciais	Respostas
C.D.C.L	O uso dos elementos de articulação presentes em textos jornalísticos também podem ser utilizados.
I.P.X.Z.	Contribui para identificação de uma norma culta sacralizada pela imprensa e evidencia processos de variação e mudança da língua, além de permitir o trabalho com gêneros e tipologias.
C.M.S	Porque o aluno tem o interesse pela leitura formativa.

OBRIGADA PELA SUA CONTRIBUIÇÃO!!!